

REVISTA ADVENTISTA

«Até que todos cheguemos à unidade da Fé, ao conhecimento do Filho de Deus»
Aos Efésios, 4:13



*Esta hora tremenda e a
nossa relação com ela*

W. H. Branson



Guarda, que houve de noite?

Carlyle B. Haynes



*Milagres da graça de Deus
no interior da América*

Glenn A. Calkins



O perigo do desleixo

C. H. Watson



O campo é o mundo

R. R. Figuhr



As bênçãos do sacrifício

I. H. Evans



*A nossa juventude
e o fim do trabalho*

D. E. Rebok



*Levantai os vossos olhos
e vêde os campos*

J. L. McElhany



2\$50

Esta hora tremenda e a nossa relação com ela

por *W. H. Branson*

A hora da crise dos séculos chegou. De há uma centena de anos para cá temos estado vivendo no tempo do grande juízo investigativo, e o tempo para o seu fim está bem próximo. As areias do tempo quasi passaram, e nós podemos dizer hoje com absoluta certeza que «o reino de Deus está às portas».

A presente crise é seguramente terrível — muito mais terrível do que qualquer outra pela qual jamais tenha passado a família humana.

As vidas humanas estão sendo sacrificadas por milhões nos campos de batalha do mundo, e outros milhões estão em marcha. Há muito poucos lares onde não haja uma cadeira vazia, representando algum ser querido, morto ou ausente como resultado da presente luta mundial. As almas dos homens estão sendo provadas na fornalha de fogo. O mundo está recebendo um baptismo de sangue tal como as nações nunca tinham experimentado. O redemoinho dos confins da Terra envolveu-nos já. (*Jer.*, 25:32, trad. de Moffat).

Tem sido calculado que durante a Guerra Mundial n.º 1 foram mortos dez milhões de pessoas. Tão terrível como pareceu, no entanto as fatalidades eram largamente limitadas àquêles que estavam nas forças armadas. Hoje, no entanto, a situação mudou inteiramente. Nesta guerra não há zonas de segurança e os civis estão tanto como os militares em áreas de combate.

Esta guerra tem sido conduzida até aos lugares mais remotos da população do mundo e inumeráveis milhões estão sendo destruídos muito além das actuais linhas de batalha. Uma autoridade calculou que já houve quatro vezes tantas mortes nesta guerra (incluindo a guerra sino-japonesa) como na Grande Guerra n.º 1. E ainda agora nos estamos aproximando da sua fase mais furiosa. Somos avisados pelos chefes das nossas nações que muito maiores sacrifícios ainda se nos pedirão e que o conflito pode ser de longa duração.

De acôrdo com as melhores informações que foi possível obter, calcula-se que a actual e projectada guerra custará a tôdas as nações, até 30 de Junho de 1945, a soma total de quinhentos bilhões de dólares (doze mil e quinhentos milhões de contos). Isto significa que as nações estão literalmente precipitando-se para a bancarrota neste conflito titânico.

Também o choque desta guerra sôbre a civilização mundial tem sido aterrador. Por tôda a parte os velhos padrões de castidade e de moralidade estão caíndo por terra; a sociedade está-se tornando desmoralizada; os fundamentos do lar estão-se desfa-

zendo; e hoje enfrentamos exactamente a situação predita pelo Apóstolo quando declarou:

«Sabe porém isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos. Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afecto natural, irreconciliáveis, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus. Tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela. Dêstes afasta-te... Mas os homens maus e enganadores irão de mal para pior, enganando e sendo enganados». (*2 Tim.*, 3:1-5, 13).

Para aquêles que não compreendem o significado dêstes tremendos eventos, a situação parece completamente desesperada. Literalmente os seus corações desfalecem de temor por contemplarem as coisas que estão vindo sôbre a Terra. Alguns há que levantam um tímido grito para que a paz do mundo e a tranqüillidade se sigam a esta guerra; para que as nações, tendo atingido o seu cansaço de matança, transformem as suas espadas em charruas; para que as guerras acabem na Terra. Mas os dirigentes das nações sabem que não há absolutamente nenhuma base para tal esperança. Muitos só vêem completa ruína e desespero sôbre as suas cabeças. Nações construídas sôbre as areias movediças da voracidade humana, ambição, ódio e ciúme, não têm fundamento durável sôbre o qual estabelecer paz e segurança, e estas características estão sendo grandemente acentuadas pelo presente conflito mundial. Para o descrente na palavra profética há apenas o abismo aberto adiante. Não há cura para os males do mundo.

Presságios do Rei vindouro

Mas para o verdadeiro filho de Deus, que compreende os sinais dos tempos, a presente crise mundial traz pouco ou nenhum terror. Ele não vê apenas a mão de Deus escrevendo novamente sôbre a parede. Ouve nela apenas uma voz tremenda clamando às nações da Terra que é vinda a hora do juízo e que o Seu reino está às portas. Na verdade, a noite aproxima-se, mas os seguidores de Cristo, em lugar de verem na sua frente apenas ruínas e morte, contemplam a descida do reino de Deus, trazendo a posse final das esperanças dos cristãos no estabelecimento do reino de Cristo e na salvação dos Seus santos.

Ao tempo em que estamos escrevendo esta lei-

tura, está em Inglaterra o General Eisenhower preparando-se para a maior invasão militar de todos os tempos. Com os oficiais seus assistentes, está ele organizando febrilmente as suas forças. Milhões de homens estão sendo treinados. Anuncia-se que a hora zero está quasi chegada. Sem dúvida, antes que esta mensagem seja lida nas nossas Igrejas durante a Semana de Oração, a grande invasão estará em completo progresso, se não fôr já assunto da história.

Exactamente da mesma maneira, todo o céu está hoje em movimento fazendo grandes e finais preparativos para a segunda vinda de Jesus à Terra. Todos os anjos de Deus, miríades deles, devem acompanhá-lo. Todo o céu será temporariamente despojado; haverá silêncio ali por espaço de meia hora (sete dias em tempo literal). Êste será o maior séquito de todos os tempos. Cristo virá na Sua própria glória e na glória do Pai e dos santos anjos. Para os ímpios essa glória deslumbrante será como um fogo devorador que eles não poderão suportar. Disse o Salmista: «adiante d'Ele um fogo irá consumindo, e haverá grande tormenta ao redor d'Ele». (*Sal.*, 50:3).

Esta cena tremenda é gráficamente descrita por João, o Revelador, quando declara:

«E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro; e julga e peleja com justiça. E os Seus olhos eram como chamas de fogo; e sobre a Sua cabeça havia muitos diademas; e tinha um nome escrito, que ninguém sabia senão Ele mesmo. E estava vestido de uma veste salpicada de sangue; e o nome pelo qual se chama é a Palavra de Deus. E seguiam-no os exércitos no céu em cavalos brancos, e vestidos de linho fino, branco e puro. E da Sua boca saía uma aguda espada, para ferir com ela as nações; e Ele as regerá com vara de ferro; e Ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-Poderoso. E no vestido e na Sua coxa tem escrito êste nome: **Rei dos Reis e Senhor dos Senhores**». (*Apoc.*, 19:11-16).

O segundo advento de Jesus é uma certeza absoluta. Enquanto Ele aqui esteve antes, prometeu fielmente vir outra vez. Disse aos Seus discípulos que ia indo à frente para preparar um lugar para o Seu povo nas muitas mansões do Céu, e que então viria outra vez e os levaria para Si mesmo. Essas mansões estão agora, sem dúvida, completamente prontas, os edifícios completados e os maravilhosos mobiliários arranjados nos quartos. A grande boda tem sido preparada para o regresso ao lar dos seguidores de Cristo. E eles não O esperarão em vão. Ele disse: «Se eu fôr, voltarei outra vez». Ele foi e Ele voltará. Os Seus discípulos viram-no quando subia, e todo o olho o verá quando Ele descer no meio da deslumbrante glória do céu.

A Sua vinda as massas da humanidade serão colhidas de terror, mas o Seu povo não temerá. Os ímpios clamarão aos rochedos e às montanhas para caírem sobre eles e escondê-los da sua presença. Os justos olharão para a Sua face gloriosa e exclamarão: «Eis aqui o nosso Deus... alegrar-nos-emos e rejubilaremos na Sua salvação». Tornaram a sua paz, chamado e eleição seguros, aceitando Jesus como seu Salvador e Rei e agora têm nos seus corações a certeza de uma abundante entrada no Seu reino.

Porque não vem Jesus hoje?

Alguns poderão perguntar: Porque não vem Jesus hoje?

Há apenas uma razão. As condições no mundo estão completas. Os sinais apareceram. Tudo no Universo declara que o tempo está prestes. O Céu também está pronto. Mas falta uma coisa: A purificação da Sua Igreja e o cumprimento da Sua tarefa em ceifar a colheita da Terra. Cristo espera apenas por isto. Ele declarou que nem um grão de trigo cairá no chão. O evangelho deve alcançar cada indivíduo na Terra, que possa ser salvo por Ele, e esta tarefa Ele confiou à Igreja—a vós e a mim, Seus seguidores. À luz destas tremendas considerações, não é estranho que permitamos dia após dia, semana após semana e mês após mês passar de largo e fazer tão pouco por cumpri-la?

Na verdade, muito já tem sido feito. Os representantes da grande mensagem do advento podem ser encontrados hoje em todos os países. Em cumprimento da profecia eles têm avançado por tôdas as nações e tribus da Terra. Já a prometida chuva serôdia está sendo sentida em muitos lugares, e anualmente muitos milhares estão sendo acrescentados ao reino. Mas muito ainda fica por fazer. Por tôda a parte ao nosso redor há pessoas por salvar. Há milhões de pagãos, que ainda não ouviram. Eles têm de ouvir, e isso sem demora. A hora vai muito adiantada, o verão está terminado e acabando a ceifa. O Senhor não esperará muito por nós para que acabemos a tarefa. Se falharmos em cumprir o nosso dever, Ele será compelido a deixar-nos para trás e arranjar outros meios de dar a Sua mensagem ao mundo.

A nós que vivemos no meio da presente crise jamais igualada, chega o mais solene conselho e súplica:

«Meu irmão, minha irmã, pondera estas coisas, te peço. Cada um de vós tem uma obra a executar. A vossa infidelidade e negligência são registadas contra vós no livro do céu. Tendes diminuído as vossas forças e baixado as vossas capacidades. Falta-vos a experiência e eficiência que poderíeis ter tido. Mas antes que seja para sempre demasiado tarde, incito-vos a que vos levanteis. *Não demoreis mais. O dia está quasi passado. O sol-poente está quasi a afundar-se para sempre da vossa vista. Contudo, enquanto o sangue de Cristo está intercedendo, podeis ainda encontrar perdão. Despertaí cada energia da alma, empregai as poucas horas que restam em zeloso trabalho para Deus e para o vosso próximo.*

«O meu coração está agitado até ao mais profundo. As palavras são incapazes de exprimir os meus sentimentos ao interceder pelas almas que perecem. Devo eu interceder em vão? Como embaixatriz de Cristo desejava despertar-vos para que trabalhásseis como nunca antes. A vossa tarefa não pode ser lançada sobre outro. Ninguém senão vós, pode executar a vossa parte. Se retiverdes a vossa luz, alguém será deixado em trevas devido à vossa negligência. A eternidade estende-se diante de nós. A cortina está prestes a ser levantada. Nós que ocupamos esta posição solene, de responsabilidade, e que é que estamos fazendo, em que estamos nós pensando, para que nos peguemos ao nosso amor egoísta pelo sossêgo, enquanto as almas estão perecendo à volta de nós? e Têm-se os nossos corações tornado completamente endurecidos? e Não poderemos sentir ou compreender que temos um trabalho a fazer pela salvação dos outros? Irmãos, e sois vós da classe daquêles que tendo olhos não vêem, e tendo ouvidos não ouvem? e Terá sido em vão que

Deus vos deu um conhecimento da Sua vontade? ¶ Acreditais vós nas declarações da verdade eterna concernentes ao que está prestes a sobrevir a esta Terra, creis que os juízos de Deus estão suspensos sôbre o povo, e podeis ainda sentar-vos calma e confortavelmente num indolente e descuidado amor dos prazeres?» (*Testimonies for the Church*, vol. V, págs. 463-464).

Um chamado ao arrependimento

Esta hora tremenda constitui um chamado ao arrependimento da parte do povo de Deus. Não podemos levar os nossos pecados, o nosso orgulho e o nosso mundanismo connosco para o céu. Temos de escolher entre uma coisa ou outra. Só o puro de coração verá a Deus. Muitos têm dito no seu coração: algum dia farei a preparação final; antes do fecho da provação arrependei-me-ei dos meus pecados secretos, da minha indiferença perante a verdade, minha falta de serviço pelos perdidos, e aproximar-me-ei de Cristo tal como estava quando ao princípio abracei a mensagem.

Queríamos fazer-vos um apêlo, irmão ou irmã, para terdes cautela com mais demoras. Chegámos à hora zero em que as decisões para a eternidade devem ser feitas. As vossas relações e a minha para com a verdade têm de ser decididas agora. Hoje é o dia da salvação. Hoje a porta da graça está ainda aberta, mas breve, *muito* breve, ela se fechará. Hoje podemos ainda participar do pão da vida, mas amanhã a fome cairá sôbre nós. Hoje podemos beber do manancial da salvação, mas amanhã a fonte secará.

¶ Não quereis aproveitar da oportunidade presente? ¶ Não quereis dizer hoje ao vosso pai celestial: — «Senhor, estou cansado de tentar seguir ao mesmo tempo Jesus e o mundo; estou envergonhado dos pecados que de novo crucificaram o filho de Deus, e o puseram para exposta vergonha; quero arrepender-me aqui e agora da minha frieza e indi-

ferença para com a verdade, e declarar que, pela Tua graça, viverei daqui em diante só para Ti?»

Ele está mesmo agora de mãos estendidas, rogando justamente por uma tal consagração da nossa parte. A Sua mensagem de amor para nós hoje é:

«Ainda assim, agora mesmo diz o Senhor: Convertedei-vos a mim de todo o vosso coração; e isso com jejuns, e com choro e com pranto. E rasgai o vosso coração e não os vossos vestidos, e convertei-vos ao Senhor vosso Deus; porque Ele é misericordioso, e compassivo, e tardio em irar-se, e grande em beneficência, e se arrepende do mal... Tocai a buzina em Sião, santificai um jejum, proclamai um dia de proibição. Congregai o povo, santificai a congregação, ajuntai os anciãos, congregai os filhinhos, e os que mamam; saia o noivo da sua recâmara, e a noiva do seu tálamo. Chorem os sacerdotes, ministros do Senhor, entre o alpendre e o altar e digam: Poupa o teu povo, ó Senhor, e não entregues a tua herança ao opróbio, para que as nações façam escárneo dêle; porque diriam entre os povos: Onde está o seu Deus? Então o Senhor terá zelo da Sua Terra e se compadecerá do seu povo. E o Senhor responderá, e dirá ao Seu povo: Eis que vos envio o trigo, e o mosto, e o óleo, e dêles sereis fartos, e vos não entregarei mais ao opróbio entre as nações... Não temas, ó terra: regozija-te e alegra-te; porque o Senhor fará grandes coisas». (*Joel*, 2:12, 13, 15-19, 21).

Sim, o Senhor está pronto para fazer «grandes coisas» por nós. Ele nos salvará dos nossos pecados e nos preparará para o Céu, se tão somente nós deixarmos que Ele o faça. Ele não deseja que uma só alma se perca, e especialmente procura Ele salvar aqueles que estão numerados com a Sua Igreja.

Graças a Deus, alguns estarão prontos. Podes ser tu e eu. A nós pertence a escolha. Deus fez inteira provisão para a nossa completa redenção, se tão somente o aceitarmos. ¶ Não nos tornaremos Hoje para Ele com todos os nossos corações?

HINO N.º 99

(Leitura para Domingo, 17 de Dezembro de 1944)

GUARDA, QUE HOUVE DE NOITE?

por CARLYLE B. HAYNES

O antigo profeta ouviu uma voz soando do meio da escuridão: «Guarda, que houve de noite?» Não é o que aconteceu durante a noite que ele quis perguntar, como parece da maneira como as nossas traduções apresentam o texto, mas sim, e que parte da noite é que já passou? Moffat, traduz assim a passagem: «Uma voz vinda do Céu, gritou-me: «¶ Quanto já passou da noite, guarda?» E a seguir souu a resposta. «Vem a manhã, a manhã e a noite; se quiseres saber mais, volta outra vez a mim».

Vozes na escuridão. ¶ Que quadro tão vívido do nosso trabalho é êste! Vozes perscrutadoras por toda a parte estão pedindo luz, verdade, conhecimento. ¶ Em que ponto estamos nós na história? ¶ Qual é o significado desta estranha condição do mundo? ¶ Que

é que está para vir? Quando terminará esta escuridão? Quanto já passou da noite? E a nossa resposta, a nossa mensagem ao mundo, é: «Vem a manhã, a manhã e a noite; se quiseres saber mais volta outra vez a mim».

A noite não é eterna. Vem a manhã! Os arautos de Deus têm observado, algo que outros não têm visto. Viram um ponto de luz na escuridão. Como outros, eles haviam sido influenciados pelo estranho jôgo da vida, e tinham lutado desesperadamente com os seus problemas, sofrimentos e desilusões. E então, porque se volveram para Deus, Ele colocou nas suas

mãos uma Palavra, e eles descobriram que esta era a palavra de ordem, o código, ao qual lhes bastava recorrer de modo a poderem decifrar todo o resto.

Tinham derramado muito sobre pedaços desfeitos, insignificantes, da vida, fútilmente tentando juntá-los para dar-lhes sentido; e agora a imagem de um símbolo foi-lhes dada, não bem um modelo, talvez, apenas duas linhas como uma cruz, mas ao menos um símbolo. De algum modo, ao estudarem a vida e o destino humanos com este padrão, tudo começou a tomar o seu lugar. Chegaram a um facto, no labirinto da confusão da vida — e a idéia de um propósito estupendo e bendito tornou-se súbitamente crível. Foi-lhes permitido vislumbrar o plano de campanha do grande Comandante-em-Chefe. Num relâmpago deslumbrante e glorioso atravessando as trevas, alcançaram uma visão do propósito de Deus para com a Divindade e para consigo próprios. Tinham visto por entre a escuridão da meia-noite uma brilhante estrêla da manhã. *Tinham visto Jesus.*

E aquêles que têm visto e que conhecem Jesus podem dizer com grande positivismo: Vem a manhã, a manhã! Só eles e mais ninguém.

Agora que este primeiro precursor do dia por vir, a Estrêla da Manhã, apareceu, outras evidências se estão multiplicando por toda a parte à nossa volta, de que o há tanto tempo prometido dia de Deus está prestes a surgir. A escuridão não está desaparecendo. Pelo contrário, é ela mais densa do que nunca. Não obstante, estão ocorrendo mudanças que podem ser sentidas e medidas, e que apenas significam uma coisa — a noite está passando, a manhã está próxima.

Não sem evidência

Quando Jesus, a «Estrêla da Manhã», estava na Terra há dezanove séculos, não só declarou que viria outra vez, mas tornou claro aos Seus seguidores como podiam saber o tempo em que a Sua vinda estivesse próxima, às portas, quando o despontar do dia pudesse ser esperado. Predisse condições, deu sinais, disse ao Seu povo para vigiar, deu evidências da aproximação da Sua volta.

«Aprendeí pois esta parábola da figueira: Quando já os seus ramos se tornam tenros e brotam fôlhas, sabeis que está próximo o estio. Igualmente, quando verdes tôdas estas coisas, sabeis que ele está próximo, às portas». (*Mat.*, 24:32, 33).

Certamente, através de toda a palavra de Deus, a nossa lâmpada nas trevas da noite aqui na Terra, há evidência nas predições dos profetas e apóstolos quanto à condição do mundo e suas várias actividades ao tempo em que o dia está prestes a despontar, o tempo do fim dos negócios terrestres, o tempo da volta de Nosso Senhor, quando o Sol da Justiça brilhar e trazer o dia.

Há evidências por toda a parte em redor de nós que nos asseguram que estamos verdadeiramente aproximando-nos do fim dos tempos. Vemo-las na abundância de iniquidade; na frieza e mornidão de uma Igreja formal e sem vida; no aterrador abandono da fé deixada de uma vez para sempre; na condição bélica do mundo; no alarmante aumento do crime; nos estranhos fenómenos celestes; na ruína fatal resultante de tremores de terra; no desenvolvimento sem paralelo do conhecimento humano; nos perigos multiplicados destes últimos dias; e no firme avanço de «este evangelho do reino» a todo o mundo».

Os tempos em que vivemos são diferentes de todos os outros tempos acerca dos quais temos lido, ouvido

ou visto. Este «tempo do fim» é marcado e peculiar. É peculiar em todos os sentidos, no seu aspecto financeiro, religioso, moral, intelectual, científico, mecânico, nacional, internacional, político, físico, comercial e social.

O espírito bélico é hoje tão grande como o mundo. Irrompe de entre as nações, de entre várias classes da sociedade, de entre raças, credos e côres, de entre uniões de trabalhadores e grandes agregados capitalistas, de entre partidos e religiões. «Guerras e rumores de guerra» cercam-nos por toda a parte. A guerra está acabando com tudo o que é mais belo na vida humana.

Estamos contemplando um mundo abalado até aos alicerces pela agonia da morte. Algo muito mais devastador do que um tremor de terra desviou o mundo do seu curso e está a reduzi-lo a pedaços. O mundo está fora de contróle. Não podemos olhar para ele sem nos lembrarmos das incisivas palavras descritivas de Nosso Senhor, proferidas há dezanove séculos, referindo-se exactamente a este tempo:

«Na terra, angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas; homens desmaiando de terror, na expectação das coisas que sobrevirão ao mundo». (*Luc.*, 21:25, 26).

Ninguém que raciocine pode duvidar que atingimos o tempo predito nestas palavras de Nosso Senhor. Estes tempos, estas perplexidades, estas apreensões do presente, são os tempos e acontecimentos apontados pelo grande Mestre e Profeta.

Fracasso dos governos terrestres

Exemplos da rápida e súbita destruição dos governos, instituições e liberdades humanas em vasta escala, são colocados quasi diariamente diante de nós. E ao mesmo tempo espantoso, quão rapidamente os trabalhos e avanços feitos no progresso humano por um período de décadas e de séculos podem ser feitos desaparecer como que por acção de uma varinha mágica. Estamos vivendo num tempo de mudanças rápidas e estupendas, em que a laboriosa e cuidadosa construção erigida em longos anos de lutas, a preço de sangue e de riquezas, está sendo rudemente destruída quasi de uma noite para outra.

Depois de séculos de pesadas lutas e sacrifícios, a civilização ao começo do século XX tinha atingido uma condição de estabilidade. As liberdades pelas quais o homem lutara durante longos anos de sofrimentos, tinham sido consolidadas por toda a parte. Liberdade de expressão, de imprensa, de opinião, de consciência, de assembleia, de culto, iam sendo por toda a parte reconhecidas, aceites, estabelecidas. E agora quasi numa noite vemos estas coisas desmoronarem-se como um baralho de cartas, perdendo-se o trabalho de tantos séculos.

Nunca antes na história da humanidade tomaram tão rapidamente lugar acontecimentos que tanto abalasses o mundo. As estupendas mudanças que ora têm lugar ante os nossos olhos jamais foram iguais quer na velocidade com que ocorrem, quer na sua vasta importância. Os homens estão regressando do progresso de séculos, do individualismo, voltando-se para as concentrações de poder, para trazerem o que eles pensam ser liberdade e segurança. São estabelecidos processos que seguramente põem mais e mais de lado a liberdade e responsabilidade individuais, colocando mais e mais dos vários elementos da vida social sob o contróle e protecção da lei. A genuína democracia está passando por um processo de desin-

tegração e decadência. Como um cancro insidiosa e secretamente penetrando um organismo saudável, os sinistros princípios do autoritarismo estão-se espalhando através da fábrica social do nosso tempo. O governo está passando de servo do povo, tornando-se antes seu patrão. Propostas sérias para a criação de um super-estado para domínio do mundo estão sendo recebidas favoravelmente por toda a parte.

Na verdade estamos a aproximar-nos de acontecimentos que mudarão a feição do mundo. Estamos no limiar de eventos estupendos. A humanidade está em grande transição. A velha ordem de coisas já passou. Um mundo velho está agonizando. Um novo mundo se abre diante de nós. Voltou-se uma página que nunca mais tornará atrás. Há possibilidades em cada novo dia que passa, que são positivamente tremendas.

Sinais no mundo religioso

E agora levanta-se a religião e declara que os insucessos dos homens no passado para conseguir estabilidade, paz e segurança, são devidos a que o homem deixou Deus de parte, que nenhuma paz pode permanecer sem que tenha como base a religião. As Igrejas oferecem-se para conduzir a humanidade a uma paz duradoura.

A religião, dizem, deve ser representada à mesa da paz. Não só deve haver um super-estado, mas também uma super-Igreja. Fala-se muito hoje numa Igreja «ecumênica», compreendendo uma combinação religiosa que ponha de parte as linhas denominacionais, passe por cima das diferenças doutrinárias, ignore as velhas separações, e combine para controlá-las religião e culto. A inclinação é positivamente na direcção de ser tornado suficientemente possível a todo o mundo, celebrar um culto, ou pelo menos ordenar-lhe êsse culto, a trindade do mal predita nas profecias do Apocalipse. O dragão, a *bêsta* e o falso profeta não estão longe de uma fusão de interesses controlados por espíritos de demónios, operando milagres, influenciando as nações para se reunirem para aquêles grande dia do Deus Todo-Poderoso.

Devia ser notado uma e outra vez que a Igreja Cristã não recebeu nenhuma ordem de educar o mundo, reformá-lo, civilizá-lo ou governá-lo e quando tente fazê-lo é infiel a Cristo e está abandonando a sua própria esfera e obra. Não foi enviada ao mundo para solver problemas económicos, nem para cristianizar a ordem social e, pelo mesmo motivo, certamente, tampouco para interferir no governo do mundo. A Igreja de Cristo existe com um único propósito, «pregar o evangelho a toda a criatura», nada mais, nada menos, nada diferente. Tem apenas um testemunho para dar — arrependimento para com Deus e fé para com Nosso Senhor Jesus Cristo». Quando faça alguma outra coisa cessa de ser a Igreja de Cristo.

«Quando Êle aparecer»

O Mestre apontou êstes tempos e explicou o seu significado. Êle disse: «Quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças; porque a vossa redenção está próxima». (*Luc.*, 21:28).

Jesus Cristo, o Filho de Deus, está prestes a vir

pela segunda vez a esta Terra. Vem a manhã, a *manhã!*

Êste, pois, não é tempo para desânimo. Não é tempo para desespero. Não é tempo para pessimismo. Os verdadeiros optimistas no mundo de hoje são aquêles que vêm nestes dias de perturbação e trevas e, através destas terríveis evoluções, descortinam o alvorecer de um mundo futuro de luz, paz e justiça.

¿Que significam estas coisas para vós? Aos crentes na vinda da manhã e no descerrar da noite, João dirige uma palavra de ordem:

«Sabemos que quando Êle se manifestar, seremos semelhantes a Êle; porque assim como é O veremos. E qualquer que Nêle tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também Êle é puro». (1 *João*, 3:2, 3).

Torna-nos diferentes o saber que o Senhor vai voltar. Não somente nos faz apêlo a uma espécie distinta de profissão religiosa; apela-nos também para uma maneira distinta de viver. «Seremos semelhantes a Êle». É a coisa mais sufocante que conheço. «Semelhantes a Êle!» Que pode isto significar? Em santidade? Sim, em santidade. Se eu pudesse ter apenas um dos atributos de Cristo, — graças a Deus não seremos limitados apenas a um — eu seria já semelhante a Êle em santidade mais do que em qualquer outra coisa.

Semelhante a Êle em santidade! Quando necessitamos disso! Deus deseja ver em nós a perfeição de Seu Filho. E êste bendito processo de limpeza deve prosseguir na vida e experiência Adventista. «Aquêles que tem esta esperança purifica-se». Dia a dia devemos continuar a limpeza. É isso que a esperança do Advento fará por nós.

«Eu sou a Estrêla brilhante da manhã», disse Jesus. Tudo volta a resumir-se na pergunta: Quem seguirá o seu resplendor? ¿Estamos nós preparados para viver como quem verdadeiramente crê aquilo que dizemos crêr? Tais crenças reclamam pureza de vida, pureza de coração, inquebrantável fidelidade para com Jesus. ¿Oh, confiai nessa Estrêla da manhã! Deus colocou-a no céu para vós.

Algum dia, que já não está longe, a noite findará e os céus abrir-se-ão para mostrar o seu glorioso Autor. Algum dia nós os que tão freqüentemente observamos os céus veremos uma nuvem como nenhuma outra que antes tenhamos visto. Temos visto nuvens negras como tinta e outras de uma alvura de neve; algumas brilhando aos raios do sol, outras prateadas pelo brilho do luar; outras mostrando a glória que lhes dá o acaso do astro-rei. Mas ainda não vimos uma nuvem tornada magnificamente gloriosa pelo deslumbrante resplendor do Filho de Deus.

Que visão! Quanto ela extasiará os fiéis que «amam a Sua vinda» e que têm esperado até ao fim «pela graça que lhes é dada «pela revelação de Jesus Cristo». Súbitamente a noite terá passado e a deslumbrante luz de um novo dia tomará um novo brilho, acima de toda a glória do sol e dará mais luz, mais brilho, mais esplendor, até poder revelar a nós a glória do Rei dos Reis. E numa nuvem de glória composta pelas miríades de anjos o Cristo vencedor voltará outra vez à Terra.

Assim olhamos o futuro aguardando essa manhã das manhãs em que mais uma vez o Senhor Jesus volte à Terra, e a noite se dissipe para sempre. ¿Oh manhã de esplendor, vem e traze-nos a prometida libertação!

(Leitura para Segunda-feira, 18 de Dezembro de 1944)

Milagres da graça de Deus no interior da América

por Glenn A. Calkins

«Ele é o Deus vivo e para sempre permanente, e o Seu reino não se pode destruir; o seu domínio é até ao fim. Ele livra e salva, e opera milagres e maravilhas no Céu e na Terra». (*Daniel*, 6:26, 27).

Quando Cristo estabeleceu o Seu «domínio» aqui na Terra por ocasião do Seu primeiro advento, apesar de multidões terem ouvido o evangelho, a mente de muitos estava obscurecida por falsos ensinamentos e preconceitos. Mas «depois da ascensão de Cristo, o Seu entronizamento no Seu reino mediatorial foi assinalado pelo derramamento do Espírito Santo... A Igreja recebeu conversos que vinham a ela de todas as direcções... Essas cenas hão-de ser repetidas com grande poder». (*Christ's Object Lessons*, págs. 120-121).

Freqüentemente os crentes, talvez quasi inconscientemente, sentem nos seus corações que foi tudo divinamente natural; que, quando Cristo esteve na Terra, e durante o ministério dos apóstolos, o poder de conversão do Espírito Santo fôsse manifestado, enviados mensageiros angélicos para ajudar e livrar, abertas as portas das prisões, ou sacudida a víbora mortal da mão do apóstolo. Uma vez que Jesus voltou para a côrte celestial para agir como nosso mediador, e uma vez que as vozes dos apóstolos se calaram há muito, muitos parecem pensar que estas interposições da providência de Deus serão difficilmente experimentadas. Mas irmãos e irmãs, as inegualáveis promessas da infalível Palavra de Deus permanecem e estão mesmo agora sendo cumpridas, e breve, muito breve, toda a Terra será cheia com a glória da mensagem do terceiro anjo. Deus falou e assim será.

Um campo de rápido progresso

Na Divisão Inter-Americana com os seus vinte e três diferentes países e maiores dependências, a maior parte dos quais são fortemente anti-Protestantes, o poder Pentecostal está sendo derramado. Há para cima de setenta e cinco mil membros da escola Sabatina e crentes, dois terços dos quais aproximadamente são baptizados, e outros estão a preparar-se para o baptismo. Durante o ano de 1942, uma Igreja ou grupo com uma média de cento e onze membros foi organizada em cada seis dias. Há apenas cento e vinte e sete ministros ordenados em toda esta divisão e contudo há perto de seis mil baptismos anualmente. Isto tem sido efectuado para glória de Deus com facilidades de treino educacional muito limitadas, sem sanatórios ou hospitais denominacionais, e apenas uns poucos mal equipados dispensários. Contudo, apesar disso, quando vemos o que Deus está fazendo através do trabalho fiel de obreiros

laicos consagrados, quem é que será capaz de dizer por um momento que não nos estamos a aproximar de um segundo Pentecostes?

Deus, que desde o princípio tem conduzido o Seu povo, que actualmente tem operado milagres por aqueles que põem n'Ele a sua confiança, é ainda hoje o mesmo Deus vivo. Há uns poucos anos atrás os nossos irmãos trabalharam contra uma aparentemente invencível oposição da natureza mais renitente em muitas partes da América Interior. Éramos um povo indesejável prégando a mensagem mais impopular por entre muito sofrimento, perseguição e mesmo morte. Hoje, conquanto perseguição, dificuldade e perigo ainda existam, as portas da maior parte dos países Inter-Americanos estão abertas, e muitos que ontem eram inimigos são agora amigos. Os maravilhosos resultados obtidos em baptismos podiam facilmente ser duplicados, triplicados e mesmo quadruplicados se tão somente mais obreiros estivessem disponíveis para ser enviados à seara amadurecida. Mas apesar da exigüidade no número dos obreiros, o campo vai-se desenvolvendo rapidamente.

Na Jamaica, uma ilha de cento e quarenta e quatro milhas de comprimento, há cento e cinquenta Igrejas organizadas abrigando catorze mil membros da escola Sabatina e crentes, dos quais para cima de dez mil estão baptizados. Em adição às Igrejas organizadas, há grupos e Escolas Sábaticas sucursais fazendo um total de mais de trezentos cultos Sábaticos só nesta ilha, que é preciso dirigir cada semana.

Haiti, onde o voodoo e o culto do demónio são freqüentes, tem aproximadamente seis mil membros baptizados e perto de mais três mil nas classes baptismaes, tendo tudo isto sido conseguido com facilidades de escolas de treino muito poucas e inadequadas, sem trabalho médico, e apenas um obreiro continental.

No México, onde a obra tem ido devagar durante os anos passados em virtude da grande oposição, relata agora mil quatrocentos e noventa e sete baptismos durante 1943, com mais de uma centena de novas Igrejas ou Escolas Sábaticas organizadas—uma por cada três dias e meio—e a atitude mais amável e cooperadora da parte do actual govêrno.

Na Colombia e Venezuela, que são fortemente anti-Protestantes, estamos em face do cumprimento literal da profecia de Isaías: «Fui (agora) buscado dos que não preguntavam por mim; fui achado daqueles que me não buscavam». (*Isaías*, 65:1). E assim os «sinaes e maravilhas» poderiam ser referidos em muitos outros países da América Interior da mesma maneira como em todas as missões e países do mundo. As seguintes são umas poucas ilustrações da maneira simples como Deus opera para «obter as suas maravilhas».

Esforços bem sucedidos de obreiros laicos

Há oito anos três obreiros laicos do México Sul começaram a distribuir folhetos e a dar estudos bíblicos. Cinco homens foram convencidos da verdade e imediatamente se puseram ao trabalho para ganhar outros cinco. Em breve alcançaram o seu objectivo, e dez famílias estavam guardando o Sábado de Deus. Levantou-se a perseguição ao mesmo tempo dos oficiais municipais e da Igreja estabelecida, e eles foram forçados a fugir para 12 milhas na direcção das montanhas para escapar a ser molestados e continuarem o seu culto. Apesar da perseguição, organizaram-se a si próprios em cinco grupos, de dois homens cada, ficando em casa as suas espôsas e filhos para cultivar o solo e arranjar os alimentos, e eles partiram a propagar a nova fé. Em breve o fogo da mensagem do terceiro anjo percorria as aldeias através das montanhas do estado de Chiapas, e hoje como resultado, há dez Igrejas organizadas e vinte e quatro Escolas Sabatinas, com uma média de membros que vai além de mil. Assim Deus abençoa a fidelidade e devoção de centenas de obreiros laicos voluntários.

Num outro estado do México Sul, um dos nossos membros encontrou tanta alegria na sua nova fé, que determinou levá-la a outros. Como resultado, durante os últimos dois anos levantou quatro grupos com cento e vinte membros. Recentemente ao visitar uma aldeia fanática o inimigo tentou matá-lo. Ao caminhar ao longo da estrada com a sua pasta debaixo do braço, abordaram-no dois homens, um deles agredindo-o com um punhal. Providencialmente foi do lado em que ele levava a sua pasta. O punhal penetrou por entre folhetos e revistas e quasi através da sua Bíblia. O miraculoso escape da morte de tal maneira impressionou o povo que muitos estão agora procurando luz.

Um outro humilde irmão nativo no estado vizinho de Tabasco apesar de espancado uma e outra vez e mesmo agredido a tiro por pobres almas conduzidas pelo inimigo, conseguiu preparar para o baptismo duzentas e oito pessoas, cento e vinte e cinco num lugar, cinquenta e cinco noutra, e trinta e dois num terceiro lugar. Estes foram todos baptizados recentemente e organizados em Igrejas.

Sedição violenta inútil

Numa comunidade muito fanática de certo país Inter-Americano, um dos nossos irmãos nacionais fez algumas reuniões. O lugar da reunião foi repetidamente apedrejado. Por último, um grande grupo dirigido por um homem proeminente na cidade, ajuntou-se no lugar da reunião, penetrou no edifício, derrubando lâmpadas, quebrando bancos e gritando: «Abaixo os Adventistas». O povo da cidade estava dividido na sua atitude, muitos apoiando este elemento fanático, mas outros desejando ardentemente ouvir mais da verdade. Na terceira noite destes distúrbios foi comunicada palavra pela espôsa furiosa do chefe do grupo sedicioso de que a sua casa estava tremendo tanto que não podia mais permanecer nela. Ele ficou irritado quando lhe foi dito pelo padre da Igreja estabelecida que o tremor era causado pelos herejes adventistas. Pediu então ao padre para ir com ele e benzer a casa, esperando assim libertá-la de quaisquer más influências, o que o padre fez

de boa-vontade a trôco de cinco dólares, mas a casa continuou a tremer. Isto aconteceu em Agosto de 1943 e o relatório, que chegou à Assembléia da União em Fevereiro deste ano, dizia que a casa ainda estava tremendo, sendo a única casa onde isso acontece. Este fenómeno tem causado um grande despertamento espiritual naquela cidade e muitos dos seus habitantes e outros que residem na vizinhança têm aceito a verdade, e outros ainda estão interessados.

O livro fala

Na Venezuela, há uns dezassete anos, uma senhora encontrou um livro — *Crise* — numa pilha de borracha velha. Leu-o mais do que uma vez, ansiosa por mais luz, mas porque a capa do livro com o nome dos editores faltava, ela não sabia mais onde encontrar tal literatura. Não há muito tempo teve um sonho no qual via uma senhora batendo-lhe à porta com um livro exactamente como um que ela tinha achado havia alguns anos. Logo na manhã seguinte uma irmã adventista que vivia na mesma cidade bateu à porta procurando vender-lhe um livro — *Crise*. A senhora exclamou: «Este é o livro de que eu tenho estado à espera por muitos anos». Abraçou alegremente a mensagem e outros da sua família e amigos estão interessados. É desta maneira simples que o mensageiro de Deus encontra os Seus filhos sinceros.

Numa das repúblicas da América Central, uma senhora muitíssimo católica tinha uma imagem da Virgem Maria à qual orava cada dia. Um dia quando orava levantou os olhos para a imagem, mas não viu imagem nenhuma. Em seu lugar estava um livro aberto, a Bíblia, em cuja página estava um texto brilhantemente iluminado: «E chamarás o Seu nome Jesus, porque Ele salvará o Seu povo dos seus pecados». Ficou tão impressionada que pouco tempo depois, quando um colportor lhe bateu à porta, ela de boa-vontade comprou uma Bíblia e fez uma assinatura de *El Centinela*. Hoje é uma leal, feliz e devotada Adventista do Sétimo Dia.

O prègador cego

Há cerca de dez anos, Chalo González, vivendo em San José, Costa-Rica, teve um acidente que lhe causou gradualmente a perda da vista. Foi feito o máximo esforço da parte dos médicos para ajudá-lo a reaver a vista, mas tudo sem resultado. Todos os seus haveres foram consumidos pelas muitas despesas que isso ocasionou. Tornou-se grandemente desanimado e abatido e finalmente decidiu suicidar-se para não se tornar um encargo para sua espôsa e filhos. Um dia, levou o seu filhinho a conduzi-lo próximo da linha férrea, e então dando-lhe algum dinheiro pediu-lhe para ir à loja comprar alguma coisa para ele. Enquanto esperava o som de um combóio que devia aproximar-se, sob cujas rodas planeava morrer, chegou um velho amigo. Este homem havia recentemente abraçado a fé adventista, e imediatamente começou a falar ao cego acerca de Jesus e Seu amor. Enquanto conversavam o combóio passou, e assim passou também, por esse dia, a oportunidade que o cego buscava de dar cabo da vida. Determinou no entanto tentar de novo, no dia seguinte. Mais uma vez foi providencialmente encontrado pelo nosso irmão, que continuou representando ante os seus olhos sem vista as gloriosas promessas da palavra

de Deus. Estas reuniões continuaram dia após dia até que por último a luz e a esperança do Evangelho despontou na alma do cego. Tornou-se um ardente seguidor do Senhor Jesus e hoje é um dos mais produtivos pregadores laicos na Costa-Rica.

O irmão González é um homem de boa aparência e da mais convincente apresentação no púlpito. Conquanto os seus olhos nunca tenham visto uma Bíblia, êle aprendeu a sua maravilhosa mensagem de Salvação através da leitura que lhe faz diariamente sua esposa e seus dedicados filhos. Tem sido um instrumento no levantamento de várias Igrejas e grupos. Ao ouvi-lo num recente Sábado à tarde contar algumas das suas experiências, senti-me comovido até ao mais íntimo da minha alma. Muitas vezes nos seus sermões cita alguns cinqüenta textos Bíblicos sem o mínimo engano. Muitas vezes viaja tóda a noite a cavalo, guiado por um dos seus filhos, para se reunir no dia seguinte com um dos grupos organizados por êle. O inimigo das almas tem muitas vezes tentado tomar a vida do «pregador cego», mas sempre os anjos de Deus estão perto para protegê-lo.

Uma estudante heróica

O Senhor usa mesmo crianças «para operar os Seus sinais e maravilhas». Deixai-me contar-vos algo àcerca de Olímpia, que vive em Guatemala. Ela é apenas uma menina de doze anos de idade, da qual poderíamos ser inclinados a esperar apenas pequenas coisas. Com sua mãe ela foi baptizada, e quasi imediatamente foi posta à prova para mostrar que espécie de observadora do Sábado seria. Em Guatemala tódas as crianças são obrigadas a ir à escola seis dias na semana, incluindo o Sábado, excepto quando o govêrno dá feriado ou a igreja do estado honra algum santo proeminente. Olímpia precisa de estar livre da escola ao Sábado, mas o seu professor informou-a na presença de tóda a classe que guardar o Sábado era coisa absurda e que a escola prosseguia a despeito do Sábado, e que a menina Olímpia devia estar na escola como qualquer outra. Agora um grande problema tinha de ser decidido por uma menina. Chegou o primeiro Sábado e o assento de Olímpia estava vazio. Ela estava porém presente na Escola Sabatina. Na segunda-feira seguinte pela manhã o professor chamou-a em frente da classe e perguntou-lhe porque não tinha vindo à escola, ao que ela respondeu: «Porque era Sábado» e «tenho de santificá-lo». «¿Porque é que tens de guardar o Sábado?» perguntou o professor. As crianças da aula estavam ouvindo atentamente enquanto o professor a interrogava. «Porque Jesus foi um Adventista do Sétimo Dia e eu tenho de ser também uma Adventista do Sétimo Dia». Então ela falou ao professor e à classe àcerca dos Adventistas do Sétimo Dia e porque é que guardavam o Sábado, dizendo-lhes também que Jesus vai voltar outra vez. Depois de ela ter falado, o professor disse-lhe que não devia perder outro Sábado na escola, senão seria punida. Porém, no Sábado seguinte, o lugar de Olímpia estava vazio. Na segunda-feira o professor mandou-a ficar de pé em frente da classe desde as oito horas até às dez. Foi uma punição dura, especialmente porque os seus condiscípulos riam e faziam troça dela, mas ela agüentou bravamente e não se queixou. «¿Não era isto que se esperava? Não sofreu Jesus também?» —pensava para si mesma. À medida que as semanas foram passando cada Sábado Olímpia estava na Es-

cola Sabatina e cada segunda-feira era ela motivo de riso para a classe durante duas horas. Algum tempo depois começou no entanto o professor a notar o belo carácter que Olímpia possuía e que bela criança ela era, como se desempenhava tão bem dos seus deveres escolares. Passaram só mais umas semanas e numa segunda-feira de manhã o professor disse: «Olímpia, esta semana não terás que ser punida. Daqui em diante não tens que vir à escola ao Sábado. És uma repariguinha fiel. Todos gostamos de ti». Agora Olímpia, a pequena Adventista do Sétimo Dia é a «namorada» de tóda a escola e muitos dos seus colegas estão conhecendo a história de Jesus através do seu testemunho.

Testemunho do Sábado

Devo referir-me brevemente às vinte e oito crianças da nossa escola de Igreja em Bluefields, Nicarágua, que contrariamente ao conselho de alguns dos membros mais velhos da Igreja dali e desafiando as ordens do comandante da «Plaza», recusou marchar à volta da Praça no Sábado de Deus, porque Deus disse, «Lembra-te do dia de Sábado para o santificar», e Deus é mais importante do que quem quer que seja. A sua escola foi mandada fechar pelas autoridades municipais. Foram humilhadas aos olhos do povo da cidade, mas mais tarde por influência pessoal do Presidente da República e do Ministro da Educação da Nicarágua foram trazidas um dia à Praça e louvadas públicamente pela sua esplêndida lealdade e nobreza de carácter. Êste foi um maravilhoso testemunho do poder da mensagem do terceiro anjo e como resultado um grande ressurgimento espiritual se tem desenvolvido em Bluefields.

Faze-o depressa

Nas Índias Ocidentais Francesas onde os nossos crentes foram tão cruelmente tratados durante o tempo que o Govêrno de Vichy esteve no poder, uma notável mudança teve lugar. O chefe do Govêrno de Vichy, em França, havia ordenado que se desse tóda a consideração à Igreja estabelecida e que todos os seus conselhos deviam ser seguidos. Imediatamente se prepararam para eliminar os Protestantes. Protestantismo aos seus olhos resume-se numa palavra, «Adventista», porque os Adventistas do Sétimo Dia são os únicos protestantes que têm Igreja organizada nas Índias Ocidentais Francesas. Temos para cima de 1.000 membros da Escola Sabatina naquelas duas ilhas. O Chefe do Govêrno local depois de receber a instrução acima mencionada, disse claramente aos nossos crentes que êles deviam ser «liquidados». Então, respondendo aos nossos dirigentes que acabavam de ouvir êste pronunciamento, disse: «¿Não sabeis que a França se tornou num estado totalitário e que em tais estados não há lugar para pequenas seitas como a vossa? Asseguro-vos que em breve o vosso trabalho será proibido e não mais existireis como grupo organizado». Então continuou: «Se tendes alguma coisa a fazer, o meu conselho para vós é, *fazei-o depressa*». Mal sabia o oficial do govêrno a importância das suas palavras.

Temos uma tarefa mundial que deve ser acabada depressa, e graças a Deus, está-se espalhando como fogo nas searas a todo o mundo. «Alegremente, re-

vestida pela armadura da Justiça de Cristo a Igreja entrará no seu conflito final, bela como a lua, clara como o sol, e terrível como um exército com bandeiras, ela irá a todo o mundo, de conquista em conquista». (*Prophets and Kings*, pág. 725). Deus guia, o seu povo remanescente, um exército poderoso cobrindo rapidamente a Terra com os seus números,

elevando-se a mensagem que levam num alto clamor, e enchendo toda a Terra com a sua glória.

«O seu domínio será até ao fim. Ele livra e socorre, e opera sinais e maravilhas». «O Senhor favorecer-nos-á perante o mundo até que a obra seja terminada». *Testimonies to the Church*, vol. VI, pág. 21.

(Leitura para Terça-feira, 19 de Dezembro de 1944)

O perigo do desleixo

por E. H. Watson

Nestes dias calamitosos, o povo de Deus está no meio de grandes perigos e em constante e urgente necessidade de auxílio que só Deus pode conceder. Pouca dúvida pode haver acerca do aumento cada vez maior do perigo e da nossa necessidade de auxílio efectivo em presença do mesmo. Olhem para qualquer lado; examinemos cada condição terrestre; notemos o propósito para que são empenhados todos os esforços humanos; notemos a decadência cada vez maior na moralidade e a ruína moral que vai diminuindo tão profundamente a nossa vida; notemos por toda a parte a maneira tão rápida como vai decaído o respeito pela moralidade; sintamos o estremecimento de toda a terra sob as poderosas revoluções do pensamento e acções humanas como jamais se conheceram; olhem com seriedade todas as transformações nas estabilidades terrestres tão evidentes por todo o lado; e consideremos se não é já tempo de nos virarmos com fé e propósito firme para o único lugar de eterna segurança.

Há muito tempo saíram dos lábios do Mestre as seguintes palavras de eterna veracidade: «Não podeis servir a Deus e a Mamom». Deus e Mamom ou a personificação do mundanismo, são, e sempre serão, tão separados e tão completamente opostos um ao outro como o possam ser duas coisas contraditórias. Entre eles nunca pôde existir, nem pode presentemente existir nem jamais existirá nenhum compromisso. O espírito activo de Mamom é o do egoísmo pessoal que invariavelmente dá valor exaltado às coisas materiais, ao mesmo tempo que procura diminuir e amesquinhar, acintosamente, todas as coisas de valor espiritual. O Espírito de Deus, por um lado, é o espírito de caridade que «não busca o que é seu». Se pertencemos a Deus não poderemos pertencer a Mamom e constitui o mais cruel engano acreditar em qualquer altura e em qualquer condição ou circunstância que podemos pertencer aos dois.

Habitação e descanso

Em tempos mais antigos do que os de Cristo, na experiência humana, foi escrito e ainda hoje é uma verdade absoluta que:

«Aquêle que habita no esconderijo do Altíssimo à sombra do Omnipotente descansará...»

«Ele te cobrirá com as suas penas e debaixo das suas asas te protegerá; a sua verdade será o teu escudo e broquel.»

«Ele encarregará os Seus anjos de te protegerem, de te guardarem em todos os teus caminhos. Eles te susterrão nas suas mãos.»

«Porque tu fizeste do Senhor, sim, do Altíssimo, a tua habitação.»

«Porque Ele colocou o Seu amor sobre mim... Eu o libertarei... Ele me chamará e eu lhe responderei: eu estarei com Ele na perturbação; eu libertá-lo-ei e honrá-lo-ei.»

À sombra do Altíssimo poderão descansar só aquêles que colocarem Deus em primeiro lugar, no seu amor e serviço. No secreto lugar do Altíssimo só podem habitar aquêles cujas vidas são santificadas e ordenadas pela fé da eterna verdade. Aquêles que ali habitem e repousem serão cobertos, abrigados, escudados, guardados, amparados em todas as experiências de necessidade, justamente do mesmo modo e extensão que eles souberam servir melhor o seu eterno bem-estar. Na medida em que nós soubermos colocar o nosso amor em Deus seremos libertados, seremos ouvidos e respondidos, teremos a íntima companhia de Deus na nossa perturbação e, por fim, seremos admirável, gloriosa e eternamente honrados.

Com todo o coração

O acto de colocar o nosso amor em Deus é tão importante que não devíamos correr o risco de nos enganarmos sobre ele. Habitar no lugar secreto do Altíssimo, habitar na sombra do Omnipotente, depor Nêle o nosso amor, tudo isso é a mesma coisa. Mas nenhuma destas três coisas pode ser a experiência daquêle que, pretendendo ser filho de Deus, não o seja de todo o seu coração. Mesmo nesta geração rebelde, é ainda vontade de Deus ser amado por nós com todo o nosso coração, toda a nossa alma e todas as nossas forças. De outra forma, não poderá haver segurança de recebermos o Seu favor e conhecermos o Seu poder.

Não há meio-térmo

Não há meio-térmo na religião de Cristo. Não pode haver obediência parcial perante Ele. Ou Ele é tudo para nós ou não nos conhecerá como Seus. Nada está mais claramente dito nos Evangelhos do que o facto de ficarem desapontados no último dia todos quantos pretendem seguir a Cristo amando, ao mesmo tempo, o mundo e comprometendo fracamente a verdade que professam:

«Muitos me dirão naquele dia, ¿ Senhor, Senhor, não profetizámos nós em Teu nome? ¿ E em Teu nome não expulsámos nós demónios? ¿ E não fizemos nós muitas maravilhas em Teu nome? Então eu lhes direi: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim... ».

Pode muito bem acontecer que andemos intimamente associados com o trabalho e poder da Igreja de Cristo, estar pessoalmente empenhados nas suas actividades, ser reconhecidos pelos nossos confrades como irmãos e, por fim, não chegar a receber de Cristo o reconhecimento de Seus filhos, escolhidos e preciosos; e tudo isso porque, com muita fraqueza, fizemos o que professávamos. Aquêles que conhecem a Sua vontade mas não a praticam; aquêles que ouvem a Sua voz mas não prestam atenção; aquêles que, embora professando o Seu nome, correm para o mundo que tão amargamente O aborrece; aquêles que conhecem a Sua verdade mas comprometem os seus princípios; todos êsses se colocam no número daquêles de quem, há muito, está profetizado: «Aborreceram-me sem causa». Sobre os tais cairá por fim aquela temível maldição: «Apartai-vos de Mim: nunca vos conheci».

A vinda do Senhor está perto

Porque o Senhor revelou claramente a temível ruína que inevitavelmente resulta de tal desprezo à Sua salvação, nós Adventistas do Sétimo Dia, de todos os povos actuais, deveríamos «examinar-nos e ver se estamos na fé». É absoluta verdade que vivemos nos tempos de vertiginosas mudanças. A vida, à nossa volta, abandonou muitos dos seus velhos modelos e remolda-se em formas tão diferentes, tão ousadas, tão temivelmente pecaminosas que não podemos enganar-nos quanto ao seu carácter. Nunca dantes o mundo proclamou com tanta confiança que as trevas são luz e, em muitas circunstâncias e caminhos vitais, que a injustiça é a verdadeira regra da vida.

Tal estado de coisas não nos deve surpreender, porque, através de todo o curso da nossa história e serviço, como Igreja, temos proclamado a todos e cada um, ao perto e ao longe, que tais condições deveriam prevalecer no nosso próprio tempo com o fim de proclamarem, a nós e a tôdas as pessoas, a próxima vinda do Senhor. Quantas vezes, com corações tristes, temos nós chamado a atenção dos homens para aquelas palavras do Apóstolo Paulo a Timóteo: «¿Sabe, porém, isto, que nos últimos dias sobrevirão tempos perigosos! ¿ Porque os homens serão amantes de si mesmos... mais amantes dos prazeres do que de Deus; tendo a forma da piedade mas negando a sua eficácia!... »

Foi-nos dado proclamar com voz e poder de mensageiros de Deus a terrível verdade que a vinda de Cristo e o fim de tôdas as coisas terrenas estão às portas. Com tôdas as evidências múltiplas da veracidade da nossa mensagem, patentes por tôda a parte

aos nossos olhos, não temos desculpa para atitudes fracas, vacilantes, irreais, indefinidas, indecisas, quer pessoais quer colectivas, perante a próxima volta do Senhor. Com tôda a sinceridade de coração, deveríamos, especialmente neste tempo, ser influenciados poderosamente pelo conhecimento que, neste assunto da verdade, «não seguimos fábulas artificialmente compostas» mas que a nossa salvação está mais perto, muito mais perto, do que nós pensávamos. «A noite está a passar, o dia está a chegar; abandonemos as obras das trevas e revistamo-nos da armadura da luz. Andemos honestamente como de dia. Não em orgias e intemperanças, não em devassidões ou lacívias, nem em contendas ou invejas. Mas revesti-vos do Senhor Jesus e não tomemos cuidado da carne para realizar as suas lascívias».

Semeando na carne

Há um grande e real perigo em nos deixarmos envolver com o mundo na sua indiferença perante Deus e perante as exigências da Sua verdade presente. É possível para nós amar as obras das trevas e apegar-nos a elas. É possível que, com o espírito do mundo em nós, não nos revistamos da armadura da luz. Mas, caso não queiramos ser levados pela corrente impetuosa da desonestidade e da orgia, da devassidão e lacívia, das lutas e invejas, devemos, completamente e sem reservas, revestir-nos do Senhor Jesus e andar honestamente como de dia.

¿ Não sabemos nós, Adventistas do Sétimo Dia, que «aquêles que semeia na carne, nela colherá a corrupção?» Quási tôdas as avenidas da vida moderna parecem conduzir à frivolidade e ao pecado. A nossa mocidade, de forma particular, vê a aparência e a atracção de tudo e muitos jovens são seduzidamente arrastados para longe do movimento e de Deus. A mocidade, no nosso movimento, constitui «o esqueleto forte e a bela vergõntea» da nossa denominação e teremos de viver alarmados se virmos decair a sua vida espiritual e os seus interesses inclinados às coisas mundanas. Sobre a sua forte aderência à verdade, sobre a sua fé em Deus, sobre a sua consagração pessoal ao serviço de Deus, assenta o possível crescimento dêste movimento, a continuação forte da nossa tarefa perante todo o mundo e o triunfo dela com o povo de Deus à vinda de Jesus. Perante ela, a Igreja deve de contínuo manter ardente a chama da verdade do segundo advento, sem compromisso, quanto à iminência e certeza do grande acontecimento.

Temperança cristã

Também não deve haver enfranquecimento entre nós quanto à temperança cristã. Que o mundo já cheio de desgraças e tragédias irreparáveis escolha continuar na embriaguez e multiplique assim as suas tristezas, ais e ruína já imensa, custa-nos a acreditar. O nosso velho mundo tornou-se nos últimos anos um lugar horrível de embriagados. Temos grande necessidade que a nossa Igreja permaneça na sua posição de defesa à temperança e não permita a intemperança entre os seus membros.

Há muitos caminhos no mundo moderno que conduzem à morte e destruição eternas mas nenhum mais certo, mais mortal e talvez nenhum mais atraente do que o uso das bebidas alcoólicas. Os farrapos e a miséria do embriagado deviam servir para nós

aviso suficiente que «a bebida forte é cruel, inimigo sem remorsos, cuja maldição nunca pesou tanto sobre a nossa raça como agora».

Está escrito e devemos acreditar que é uma verdade eterna: «Nenhum bêbado... herdará o reino de Deus». Muito para além das grandes massas do sofrimento humano, das quebradas esperanças, das vidas queimadas, dos lares desgraçados pelas bebidas alcoólicas, levanta-se a saliente e aterradora verdade segundo a qual as vítimas do álcool vão seguindo no largo caminho da morte e destruição eterna. Logo, não devemos permitir que novas concepções sobre os seus resultados e carácter se apoderem das nossas mentes. A sua acção mortífera foi bem conhecida naqueles primeiros anos em que tomámos a nossa posição original sobre temperança. Se o álcool se tornou moda em 1944 equivale a dizer que se tornou muito mais mortífero. Conseqüentemente, Adventistas do Sétimo Dia «sêde sóbrios, sêde vigilantes; porque o diabo, vosso adversário, está andando em volta de vós, como leão rugidor, procurando a quem tragar». «O fim de tôdas as coisas está às portas: sêde sóbrios e vigiai em oração».

Observância do Sábado

A observância do Sábado também deveria ser cuidadosamente considerada por nós nos tempos actuais, para que «andemos com Deus e sejamos chamados para o Seu reino e glória». Para nós, como para os Filipenses dos tempos antigos, o Apóstolo Paulo diz: «Portanto, meus amados, como sempre obedestes... executai a vossa própria salvação com temor e tremor». Os princípios da observância do Sábado, há muito tempo implantados na nossa fé, ainda não sofreram nenhuma mudança. Também não deveria agora ser olhada com tanto desmazêlo que nos levasse mais à desobediência do que à obediência. O Sábado, guardado sagradamente conforme o mandamento, não é só o memorial da criação apontado por Deus mas é ainda o sinal da regeneração naque-

les que o observam. Como a salvação de Cristo é preciosa para nós acima de tôdas as coisas, assim deveríamos cuidadosamente observar o seu sinal, de forma clara e distinta. A Bíblia não nos dá nenhuma base para acreditar que a falta de cuidado na observância do Sábado seja aceitável por Deus. Nos séculos recuados falou Êle aos que esperam a segunda vinda de Cristo:

«Esta é a palavra do Eterno: Mantém a religião, faze o que é recto, porque o meu libertamento está à mão, o meu triunfo depressa aparecerá. Feliz aquêle que faz a Minha vontade, feliz o mortal que a guarda, que observa o Sábado e o não profana, que guarda a sua mão de perpetrar algum mal». (*Isaias*, 56:1, 2).

Seguramente, presado Irmão e Irmã, não vivemos em tempos propícios para meia-credulidade nestas coisas sagradas da religião. Se os acontecimentos que estão diariamente ocorrendo em todo o mundo têm qualquer significado, se as dificuldades e perplexidades que nos defrontam significam qualquer coisa, se as presentes condições são sinais para os nossos corações de qualquer coisa tocante à nossa religião, então tudo significa que está perto a entrada dos santos de Deus no Seu lar, que a ruína de um mundo desobediente está igualmente próxima, que não devíamos agora confiar numa mera meia-credulidade, mas deveríamos abrir largamente a porta do nosso coração à influência do Salvador. Tôda a nossa esperança está centralizada nesta comunhão com Êle. Todos os nossos esforços devem ser postos na execução da Sua vontade. Enganamo-nos supondo que o serviremos aceitavelmente ao mesmo tempo que vivemos em descuidadas relações diante da Sua vontade.

Que Deus nos ajude e reavive as nossas energias espirituais e nos faça fortes e íntegros Adventistas, esperando com mansidão a vinda do Nosso Senhor depois de termos executado na terra a Sua vontade e o Seu trabalho, no meio do Seu povo que está à Sua espera.

(Leitura para Quarta-feira, 20 de Dezembro de 1944)

O CAMPO É O MUNDO

Por R. R. FIGUHR

«O campo é o mundo». «¿ Não dizeis vós que ainda há quatro meses até que venha a ceifa? Eis que eu vos digo: levantai os vossos olhos e vêde as terras, que já estão brancas para a ceifa». (*João*, 4:35).

O Mestre está profundamente interessado no campo mundial. Êle vê os sinceros e zelosos que buscam Deus e a Verdade em tôdas as terras. Constituem a seara branca. A Sua Igreja, o repositório terrestre das riquezas da Sua graça, é admoestada a levantar os olhos e ver êstes grandes campos à espera.

Quando o Mestre completou a Sua Missão terrestre e ia subir para o Pai, passou os últimos momentos com os Seus amados seguidores. Enquanto olhava com grande antecipação para a alegre reunião na côrte celeste, a Sua mente estava no campo mundial e nos Seus milhões de famintos. Voltando-se para o Seu grupo de seguidores, breve mas claramente, desenhou em palavras bem familiares para cada crente, o Seu plano que era ao mesmo tempo o trabalho principal da Sua Igreja. Êle disse, «ide por todo o mundo, prègai o Evangelho a tôda a criatura».

O mundo revolucionado

A ordem e obrigação do Evangelho é um dever que foi colocado individualmente sobre cada crente em Cristo. Ninguém que recuse aceitar o Seu explícito mandamento pode ser um verdadeiro seguidor. Nenhum som de razão pode conduzir alguém a crer ou agir de outra maneira que não seja levar o Evangelho a todo o mundo. Dizer-se que grandes necessidades existem no nosso próprio país, não pode justificar que desviemos os nossos olhos do campo mundial. Dizer, como têm ultimamente dito alguns que todas as religiões, incluindo o próprio paganismo, têm em si algum bem e por isso deviam ser deixadas em paz, não têm justificação à luz do explícito mandamento de Cristo. É evidente do relato sagrado, que o propósito do Salvador era enviar os Seus discípulos muito mais longe do que as suas terras. É também evidente que o Seu propósito era revolucionar o pensamento e prática religiosos dos seguidores de outras religiões. Logo que estes primeiros pregadores da boa-nova saíram, foram acusados de crer virar a ordem do mundo, o que na verdade estavam fazendo. Onde o Evangelho ia e triunfava, o povo mudava. Velhos hábitos e práticas de vida eram quebrados e novas vidas começavam, sofrendo com isso outras religiões que perdiam aderentes. Não era um trabalho de harmonia com outras religiões. Era directamente contrário a elas.

O grande mandamento não é para ser considerado ou seguido segundo a conveniência da Igreja. Nenhum outro mandamento mais directo do que este se encontra na Bíblia. As palavras «por todo o mundo», são precedidas pela acção «ide» no modo imperativo. Têm por fim pôr a Igreja em movimento. A Igreja de Deus deve ser uma igreja que vai a todo o mundo. É uma Igreja que olha para o mundo inteiro considerando-o o seu campo. Os seus planos, as suas actividades, têm de ser basicamente de alcance mundial. Os seus mensageiros devem encontrar-se em todas as nações. O resultado final é ser uma Igreja universal unida.

«O mandamento, «ide por todo o mundo», não deve ser perdido de vista. Somos chamados a levantar os nossos olhos para as «regiões além». Cristo derruba a parede do partidarismo, o conceito desintegrador de nacionalidade, e ensina um amor para toda a família humana. Ergue os homens do apertado círculo prescrito pelo seu egoísmo; abole todas as fronteiras territoriais e distinções artificiais da sociedade. Não faz diferença entre vizinhos e estranhos, amigos e inimigos. Ensina-nos a olhar para cada alma faminta como nosso irmão, e para o mundo como nosso campo». (*Desire of Ages*, pág. 823).

Dificuldades a pôr de parte

Quando o Senhor transmitiu a ordem que devia pôr a Sua Igreja em marcha, compreendeu inteiramente os difíceis problemas que ela encontraria. Muitas vezes durante o Seu ministério terrestre, enquanto preparava e treinava os primeiros arautos do Evangelho, referiu-se aos riscos e dificuldades que encontrariam. Ele disse, «eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos». «Acautelai-vos», disse Ele, «dos homens. Porque eles vos entregarão». Nos nossos dias não é fora do comum encontrarmos acerba inimizade levantada ao irem os nossos obrei-

ros na proclamação da verdade. Nem é coisa que não tenha ocorrido termos sido informados plenamente por alguns governos que não precisam de Missionários e que não lhes permitirão entrar no país. O Senhor compreendeu inteiramente as dificuldades daquêles que têm de «ir», tais como dificuldade de línguas a vencer, hábitos diversos de povos diferentes e riscos de saúde que correm os seus mensageiros ao entrarem em certas regiões do mundo onde encontram novas e estranhas doenças, Previu corações duros e indiferença ao amor divino, manifestada por aquêles a quem os Seus arautos seriam enviados, e os desânimos experimentados frequentemente. Todos estes e uma outra multidão de outros obstáculos o Senhor previu quando disse «ide por todo o mundo e pregai o Evangelho». Mas Ele contava com a devoção de corações regenerados e inspirados pelo amor para prosseguir com a tarefa. A história da Igreja do Novo Testamento mostra quão fielmente responderam os Seus servos mesmo em face da mais amarga oposição.

«Reis e governadores, sacerdotes e homens de estado procuraram destruir o templo de Deus. Mas em face de aprisionamentos, tortura e morte, os fiéis prosseguiram a obra; e a estrutura cresceu bela e simétrica. Às vezes os obreiros foram quasi cegados pelas escamas da superstição que os cercavam; às vezes foram quasi vencidos pela violência dos seus oponentes, mas com fé indestrutível e inquebrantável coragem prosseguiram com a obra.

«Um por um, os primeiros construtores caíram às mãos do inimigo. Estêvão foi lapidado; Tiago foi morto à espada; Paulo foi decapitado; Pedro foi crucificado; João foi exilado. Contudo a Igreja cresceu. Novos obreiros tomaram o lugar daquêles que caíram, e pedra sobre pedra foi acrescentada ao edificio. Assim se ergueu lentamente o templo de Deus.

«Séculos de feroz perseguição se seguiram ao estabelecimento da Igreja Cristã, mas nunca faltaram homens que tomassem o trabalho da construção do templo divino como mais caro do que a sua própria vida». (*Acts of the Apostles*, pág. 597).

Resultados nos primeiros séculos

A Igreja apostólica foi lenta na compreensão da magnitude do plano de Deus. Mesmo depois de se terem demorado em Jerusalém e se terem revestido do poder do Alto, eles hesitaram. Oportunidades sem precedentes pareciam abertas à pregação a largos auditórios. Grande interesse se desenvolveu mesmo em Jerusalém. Era mesmo muito mais conveniente ficar do que ir a lugares estranhos onde nenhum interesse havia ainda surgido. Finalmente o Senhor recorreu à perseguição, permitindo-lhe que viesse para espalhar as crenças. Mas a mensagem do Evangelho estava firmemente alicerçada nos corações dos crentes perseguidos, porque «aquêles que eram expulsos iam por toda a parte pregando a palavra». Então a Igreja aprendeu a visão: Acordou e viu o grande plano e propósito de Deus em levar as boas-novas a todos os povos.

Falando do crescimento da primitiva Igreja e do progresso do Evangelho, diz um escritor: «Havia muitos que com desânimo não dissimulado observavam a sua marcha firme e silenciosa àvante, e que notavam bem a sua influência maravilhosa e sempre crescente. Era rara a família no declinar do segundo

século onde um ou outro membro não pertencesse à poderosa comunidade secreta dos cristãos, e esse membro — escravo ou livre, servo ou senhor — desde o momento em que se tornava cristão tornava-se também ao mesmo tempo um irrequieto emissário da fé. Nenhuma ameaça parecia aterrorizar os cristãos, nenhum castigo por mais terrível tinha qualquer efeito sobre eles — tortura e morte eram bem-vindas mais do que temidas». (*Dean Spence*).

Quando a Igreja avançava com fé sob a bênção de Deus era irresistível. Avançava de conquista em conquista, conforme a ilustração de *Apoc.*, 6:2. Nunca apareceu mais bela nem tão formidável como no cumprimento da divina ordem de «ir».

«A ordem que Cristo deu aos discípulos foi por eles cumprida. Ao avançarem esses mensageiros da cruz para proclamar o Evangelho, houve uma tal revelação da glória de Deus como jamais havia sido testemunhada por mortais. Pela cooperação do espírito divino, os apóstolos fizeram uma obra que atingiu o mundo. O Evangelho era levado a cada nação por uma simples geração». (*Acts of the Apostles*, pág. 593).

O mundo precisa do Evangelho

Não há nada que este mundo, obscurecido pelo pecado, necessite tanto hoje em dia, como do Evangelho da salvação. É a cura para os males da Terra. Não existe nenhuma outra esperança. Nenhum outro plano pode tomar o lugar do plano de Deus para salvação. O poder do pecado tem-se tornado tão grande na vida dos homens que muitos estão completamente escravizados. Em muitas terras, o povo sentindo a sua condição de pecadores perdidos buscam ardentemente a libertação. Milhares esperam, tateando nas trevas, enquanto Deus aguarda que a Sua Igreja avance na proclamação tornando-lhes clara a Sua maravilhosa mensagem de libertação. As suas almas estão insatisfeitas. Por muito tempo eles se têm alimentado de cinzas. O inimigo da justiça mergulhou-os na escuridão e eles cresceram como cegos. Mas são honestos e desejam aprender o melhor caminho. Quando uma vez encontram a mensagem, quanto não significa isso para aqueles que a encontram! É a pérola de grande preço, o tesouro encontrado no campo, mais valioso do que a própria vida. Flutua acima das tristezas mais profundas; dá coragem na hora mais sombria.

A seguinte carta foi recentemente recebida de um ouvinte da *Voz da Profecia*, em português. É do Recife, Brasil, e escrita por alguém que começa justamente a encontrar esperança e conforto nesta Mensagem:

«Pedia-lhes o favor de me enviar uma cópia do discurso da *Voz da Profecia* de 1 do corrente, pois esta será para mim uma lembrança eterna. Uns dias antes da sua emissão perdi meu filho num desastre, um rapaz que era tóda a alegria da minha vida. Isto aconteceu em 12 de Outubro de 1943. Eu estava inconsolável. No dia 1 dêste mês fechei-me no meu quarto, chorei amargamente e, no meu desespero, pedi a Deus que me mostrasse um sinal se eu voltaria alguma vez a ver o meu querido filho. Era noite e tive um sentimento de abrir o rádio, que havia silenciado desde a sua morte. Ouvi a *Voz da Profecia* e a lição pareceu ser especialmente para mim, isto é, trazer-me conforto espiritual e fé em Deus. Quando terminou senti-me mais confortado e cheio

de esperança no dia em que possa de novo abraçar o meu filho. Esta esperança devo-a a Deus e à *Voz da Profecia*».

A Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma Igreja com uma tarefa. A sua própria existência, como Igreja, depende do fervor com que execute a obra que lhe está destinada. A parábola diz, «Ele deu a cada um o seu trabalho». Este trabalho é fazer todo o possível por levar a mensagem de Salvação àquelles que habitam na Terra.

Relatórios comovedores

Encontrei recentemente um dos nossos irmãos, um pastor-professor no Brasil, cujo coração está levantado para levar esta mensagem a outros. Um homem foi interessado e perguntou a este obreiro acerca da Verdade. Perguntou acerca da segunda vinda de Cristo, e manifestou o desejo de estudar este ponto. O estudo Bíblico começou às nove da manhã. Quando o estudo terminou o homem queria saber acerca das profecias de Daniel. Começou novo estudo de algumas profecias. Quando chegou a hora da refeição, o nosso irmão foi para a mesa com a sua Bíblia e durante esta deu um estudo sobre alimentação racional. Então o homem quis saber acerca de certas profecias do Apocalipse. Em breve chegaram as 11 horas da noite. Decidiram, então, parar, depois de terem estudado durante 14 horas sem interrupção, excepto para as refeições, e resumir o estudo na manhã seguinte. Tal zelo na proclamação desta verdade conduz a resultados. É realmente necessário acrescentar que o homem está estudando activamente a Verdade e preparando-se para ser baptizado.

Durante anos os nossos obreiros no grande rio Amazonas têm percorrido em todos os sentidos as ramificações desta poderosa corrente fluvial, procurando nas aldeias das suas margens os enfermos do corpo, ao mesmo tempo que os aflitos da alma. O pastor Halliwell e o seu corpo auxiliar de obreiros, têm semeado fielmente a semente através do campo, durante anos. Agora está começando a aparecer a colheita. Está ainda vívida na minha mente a imagem de uma casinha humilde nos bancos do grande rio a mil milhas de distância da foz e centenas de milhas distante de qualquer auxílio médico, aonde fomos chamados, ao começarmos o nosso trabalho ao longo do rio, pelo bem conhecido sinal de agitar uma peça de roupa branca. A nossa lancha, Luzeiro II, voltou. Depois dos nossos obreiros haverem tratado a espôsa doente, falou o marido, perguntando acerca dos Adventistas. «Porque», disse, «eu quero juntar-me a este povo». Não posso dizer-vos se já ou se ainda não realizou este grande e cobiçado privilégio, porque o território é imenso e pouquíssimos os obreiros. Mas há muitos que sofrem e esperam. Centenas e milhares na grande expansão a norte do rio têm ouvido algo sobre esta mensagem de salvação e esperam. O Mestre vê-os e diz à Sua Igreja, «ide». Numa carta recente do pastor Halliwell, diz êle:

«Visitámos alguns dos nossos irmãos baptizados junto à costa do mar e então subimos até um pequeno rio para visitar um pequeno grupo de pessoas que havia já algum tempo tinham pedido uma visita. Quando chegámos lá, encontramos 52 pessoas guardando o Sábado e razoavelmente instruídas em tóda a nossa mensagem. Um interessado, tinha ido de

Belém e levantado ali este grupo. Passámos ali um belo tempo e tivemos muitas reuniões durante o dia. Ouviam durante uma hora e não ficavam cansados.

Foi a primeira vez em toda a minha experiência em que tive de pregar três vezes numa só noite. Arranjaram uma clareira no bosque, pois as suas casas ficam todas distantes umas das outras, e ali se ajuntaram mães com os seus meninos nos braços, por mais do que três horas, ouvindo a palavra de Deus. Pediram para serem baptizados, mas nós sentimos que não estavam bastante instruídos para isso.

Nas montanhas, muito desviado da cidade de Osorno, Chile, vive hoje uma família de adventistas, que há dez anos não sabia nada da Verdade. Mas caiu nas suas mãos o exemplar de um trimensário da Escola Sabatina — um daqueles trimensários sobre as doutrinas, que foi cuidadosamente estudado com a ajuda de uma Bíblia. A Verdade tornou-se clara e a família começou a segui-la o melhor que podia, guardando o Sábado e obedecendo aos outros pontos da Verdade que tinham encontrado.

Finalmente vieram à cidade de Osorno procurando outras pessoas que tivessem a sua crença. Foram a um certo número de Igrejas protestantes perguntando em cada uma delas se guardavam o Sábado. Disseram-lhes que o Sábado não se guardava, porque o quarto mandamento tinha sido mudado. Descontentes, continuaram na sua procura. Finalmente, alguém lhes disse que ninguém actualmente guarda o Sábado a não ser os Adventistas. Imediatamente começaram a perguntar por eles e foram enviados à nossa Igreja. Hoje rejubilam nesta Verdade.

Devoção inabalável

Deus está continuamente levando a Verdade por meio das suas diversas agências. Por intermédio de fiéis colportores, professores devotados, pregadores, obreiros, médicos e membros laicos, a mensagem é oferecida e onde quer que a semente é plantada com fé, sempre segue a colheita. Os nossos membros laicos estão fazendo um trabalho maravilhoso na proclamação desta mensagem. Eles não desanimam facilmente.

Um das nossas Igrejas no Brasil pediu uma quantidade de folhetos. Os irmãos ajuntaram-se e dividiram-nos entre si, e um irmão nosso, tendo colocado a sua parte numa pequena pasta, partiu para a parte que lhe coube da cidade a distribuí-los. Ao atravessar a rua, encontrou um padre, que olhou para ele com ar suspeito perguntando-lhe onde ia e o que ia fazer. Puxando da pasta, abriu-a e mostrou os folhetos adventistas. Chamando por um polícia, ele disse: «Este homem anda espalhando literatura contra a santa Igreja Católica». O polícia veio e espancou o nosso irmão. Um pouco decepcionado e confuso, reaveu a pasta e voltou à Igreja a contar a sua experiência. Não era uma experiência que levasse o inimigo a calcular que encorajasse a Igreja; mas os irmãos a parlamentar entre si perguntando o que deviam fazer. ¿Deveriam sair outra vez e expor-se a

novas pancadas? A sua conclusão final foi de encomendar mais duzentos mil folhetos adicionais e espalhá-los. Que bela resposta à oposição!

Há poucas semanas caminhávamos entre as ruínas do que foi uma vez a cidade de San Juan, Argentina. Restam apenas menos de metade dos seus 85.000 habitantes. Os outros 50% morreram ou fugiram. Parece que noventa por cento dos edifícios ruíram inteiramente ou em parte. É duvidoso se algum edifício resta indemne. As marcas de tão severo sofrimento e das pesadas perdas estavam escritas nas faces que vimos. Mas havia realmente uma excepção. Num extremo da cidade vive um dos nossos membros a quem visitámos. Permanecia sorridente, no meio das ruínas que foram uma vez a sua casa. Evidentemente, é preciso mais do que um tremor de terra, por destruidor que seja, para trazer uma nuvem de desfalecimento na sua vida. Em termos breves nos contou como se desenrolou o tremor de terra e logo com mais pormenores começou a contar-nos do seu trabalho para salvar almas. No ano passado, tinha trazido catorze para a Igreja. Já fez o seu alvo para 1944 e parece que está prestes a atingi-lo. Na noite em que surgiu o tremor de terra, não estava em casa.

Tinha saído a dar um estudo Bíblico a um vizinho. Agora está ocupado durante o dia, na reparação de estragos causados pelo abalo, mas à noite sai para tratar do que parece ser o seu trabalho principal, ensinar a Verdade aos seus vizinhos.

O campo de Jesus é o mundo. É um vasto campo amadurecido. Há necessidade em recolher o grão. Graças a Deus pelos zelosos ceifeiros que o espírito de Deus está despertando para tomar lugar na colheita mundial. Conquanto muito tenha sido feito nos anos passados, e muito, mesmo mais do que nós pensamos esteja sendo feito no presente, um maior esforço da parte da Igreja é necessário para levar a cabo a obra de Deus na terra. O tempo é curto, mais curto do que nós pensamos. De algumas terras a liberdade está voando largamente. Outras, ainda estão abertas à Verdade. Por quanto tempo permanecerão assim, ninguém sabe. Um dos nossos membros de uma das maiores cidades da América-do-Sul tinha saído na *Campanha para as Missões*. Havia um dentista que costumava dar uma avultada oferta durante vários anos. Com um pequeno encorajamento, duplicou prontamente a sua oferta este ano. «Porque», disse ele, «não sei por quanto tempo será ainda permitido o vosso trabalho». Podemos esperar que se fechem portas. Nem sempre haverá o grau de liberdade que todos apreciamos. Somos admoestados a trabalhar enquanto é dia, porque a noite vem em que ninguém pode trabalhar. Este é o dia da oportunidade para levar prontamente a Verdade que nos foi ordenada, a todo o mundo.

Estamos trabalhando e apressando-nos para um grande acontecimento — o dia da vinda de Nosso Senhor em glória e a nossa libertação final. Pode ser que este dia revele que cada um de nós tem feito fielmente a sua parte em apressar a mensagem às mais remotas partes da terra e poderemos então ouvir pessoalmente as palavras do Mestre, «Bem está bom e fiel servo». Trabalhem e orem por isso.

As bênçãos da Sacrifícia

por J. H. Evans

Desde o principio, a causa de Deus tem sido mantida pelo sacrificio daquêles que adoram Jehovah.

A causa de Deus é o Seu povo. Qualquer causa dissociada dos homens não pode ser a causa de Deus. É com os homens que Deus se relaciona, e não com edificios ou instituições ou qualquer organização, seja ela qual fôr. Quando falamos da causa de Deus, não falamos de algum homem individual ou oficialmente, separado por si mesmo e vivendo por si mesmo; mas referimo-nos a um conjunto de homens e mulheres associados numa fé comum, e organizados para crescimento espiritual e auxílio mútuo. Quando falamos em ajudar a causa de Deus, queremos referir-nos à manutenção e desenvolvimento da prègação do Evangelho para a salvação dos peccadores.

Este trabalho de salvar os perdidos está dependente dos membros da Igreja para seu suporte e progresso. Claro, isto não quer dizer que não seja o Espírito Santo quem conduz e dirige, pois todo o desenvolvimento espiritual adequado depende do Espírito Santo. Assim Deus de entre a Igreja aponta prègadores para proclamar o Evangelho, e o Seu povo para suprir os meios para suportar a prègação. Deus conta com os homens a Ele chamados e consagrados pelo Espírito Santo, para irem enquanto outros dão os meios, para estender o Seu trabalho.

Quando Cristo subiu para ser glorificado, o Espírito Santo veio para conduzir e dirigir a Igreja e espalhar o Evangelho. O Novo Testamento conta-nos resumidamente como os crentes primitivos se sacrificaram para espalhar o conhecimento da morte e ressurreição de Cristo. Não havia salário para os discípulos e outros, que se deram a si próprios para levar as boas-novas de um Salvador crucificado e ressuscitado, enquanto aquêles que aceitavam Cristo davam os seus meios para promover este grandioso trabalho.

As ofertas nos tempos do Pentecostes

A Bíblia fala-nos dèsses dias. Crentes que possuíam propriedades, dispunham delas como podiam, e colocavam o produto num fundo comum, que era distribuído para prover aos doentes e necessitados, e àquêles que não podiam manter-se a si próprios. Lemos: «E, tendo orado, moveu-se o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo, e anunciavam com ousadia a Palavra de Deus. E era um o coração e a alma da multidão dos que criam, e ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas tôdas as coisas lhes eram comuns. E os apóstolos davam, com grande poder, testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos êles havia abundante graça. Não havia pois entre êles necessitado algum; porque todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que fôra vendido, e o depositavam aos pés dos apóstolos. E repartia-se por cada um,

segundo a necessidade que cada um tinha. Então José, cognominado pelos apóstolos Barnabé (que, traduzido, é Filho da consolação), levita, natural de Chipre, possuindo uma herdade, vendeu-a, e trouxe o preço, e o depositou aos pés dos apóstolos». (Act., 4:31-37).

Este é um relatório de como a Igreja suportava e promovia a difusão do Evangelho, quando conduzida e guiada pelo Espí'ito Santo. Mas nem todos eram verdadeiros naqueles dias. O egoísmo crescia em alguns corações. Assim, é-nos referida a triste experiência de Ananias e Safira, sua mulher, que tentaram ludibriar os irmãos, retendo uma parte da compra de uma propriedade que tinham vendido, quando diziam que davam tudo. Como resultado, ambos perderam a vida. Uma tal punição é um aviso para nós, hoje, que devemos tratar honestamente com o Senhor.

Valores eternos

Na nossa vida activa e cheia de preocupações, perdemos às vezes de vista os verdadeiros valores. O que pode durar um ano ou mesmo cem anos não deve ser comparado com aquilo que permanece através da eternidade. Uma alma ganha é de valor infinito. A riqueza de todo o mundo não pode igualar em valor uma alma lavada no sangue de Cristo. ¿Que é o dinheiro comparado com a alma? ¿Que são as riquezas, quando uma alma está em jôgo? Podemos ponderar bem que valor terá o dinheiro quando Cristo vier. Apenas a alma ganha será então de algum valor.

Cristo disse: «Se alguém quizer vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sôbre si a sua cruz, e siga-me: porque aquêle que quizer salvar a sua vida perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á. ¿Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? ¿Ou que dará o homem em recompensa da sua alma? Porque o Filho do homem virá na glória de Seu Pai, com os Seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras». (Mat., 16:24-27).

Dêste ensino vemos que Cristo avalia a alma por muito mais do que as riquezas terrenas. Notai quão pouco valor Ele dá à riqueza material quando comparada com a alma. Todos os ganhos verdadeiros devem levantar, espiritualizar e preparar a alma para a comunhão espiritual com o Céu. A menos que a alma esteja salva, tudo está perdido.

Da bênção que há em dar e da liberalidade, escreveu o sábio autor dos *Provérbios*: «Alguns há que espalham e ainda se lhes acrescenta mais; e outros que retêm mais do que é justo, mas é para sua perda. A alma generosa engordará, e o que regar também será regado». (Prov., 11:24, 25). A bênção que é prometida como recompensa de darmos liberalmente não é só em coisas materiais, mas também em bênçãos espirituais que o Senhor confere. O espiritual é mais do que o temporal, e vale muito

mais para a alma do que as riquezas e bens terrenos.

«A alma generosa engorjará». O Cristão que é liberal, que dá generosamente dos seus próprios bens materiais aos outros, para que possam ser abençoados e ajudados, não empobrecerá. Ao contrário, tornar-se-á mais rico pela sua liberalidade. Isto é especialmente verdadeiro quando damos liberalmente para os nossos fundos de auxílio aos pobres e para avançar a causa de Deus. Em darmos nos tornamos semelhantes a Deus. Deus deu o Seu Filho, e com Ele dá-nos também tôdas as coisas.

O nosso exemplo perfeito

Cristo foi um exemplo perfeito da dávida com sacrifício. O que Ele fez em negação de Si próprio e sacrifício, podemos nós esforçar-nos por imitar. Ele encontrou a sua principal satisfação em trabalhar pelos outros. Falou várias vezes no Seu propósito em vir a este mundo. Sabia bem o que O esperava em dores, traição e sofrimento. A Sua vida foi uma vida de renúncia pelos outros, mas nisso Ele encontrou a Sua recompensa. «Porque o filho do Homem veio para buscar e salvar o que se havia perdido». (*Luc.*, 19:10). «Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la». «Eu sou o bom pastor; o bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas». «Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância». (*João*, 10:17, 11, 10).

Foi um acto voluntário da parte de Cristo vir a este mundo, tomar sôbre Si mesmo a natureza humana, para que morresse, e derramar o Seu sangue para remissão do pecado. Falando da dávida da Sua vida pelo pecado, Ele próprio disse: «Ninguém me tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai». (*João*, 10:18).

Assim Cristo deu a Sua vida, um sacrifício real — uma oferta pelo pecado — para que todo aquêl que nEle crer e o confessar como Filho de Deus, tenha a vida eterna por meio da fé no Seu nome. Paulo fala dêste sacrifício de Cristo como tendo envolvido tôda a sua vida na Terra. Diz êle: «Porque já sabeis a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre; para que pela Sua pobreza enriquecêsseis». (*2 Cor.*, 8:9).

O amor de Cristo enriquece

O amor do Mestre por aquêles que O aceitam pela fé enriquece o doador dos tesouros terrestres para auxiliar a Sua Obra, mesmo nesta vida. Poucas alegrias igualam a que é experimentada por alguém que sabe ter ajudado outrem a encontrar Cristo. O nosso amor pelo Senhor é manifesto não apenas na nossa profissão de fé, mas nos nossos donativos e ofertas para levar àvante a Sua obra entre os inconversos. Quando damos dos nossos próprios meios, estamos dando uma parte da nossa vida por amor de Cristo. O que dermos por Ele e pela Sua causa fala mais alto do que qualquer outra coisa para mostrar que O amamos. É o nosso amor por Ele que faz os nossos dons preciosos à Sua vista.

O profeta Isaías fala do espírito de generosidade nestas palavras: «Mas o liberal projecta coisas liberais, e pela liberalidade está em pé». (*Isa.*, 32:8). A liberalidade aqui mencionada não se refere sômente

à dávida de coisas materiais, mas inclui também generosidade no nosso tratamento pelos pobres e infelizes, mesmo os nossos inimigos. A liberalidade para com os outros é essencial, e deve ser uma qualidade do coração para que as nossas ofertas possam ser lançadas a nosso crédito no reino de Deus. Simpatia, uma palavra amável, uma oração sentida que Deus abençoará, devem acompanhar os nossos dons materiais, para serem êstes aceitos pelo Senhor. A nossa liberalidade para com Deus é medida pela nossa honestidade no pagamento dos dízimos, e pelas nossas ofertas para manter a causa de Deus. «Pela liberalidade está em pé». Lembrai-vos dêste texto, e repeti-o freqüentemente à vossa própria alma: «E pela liberalidade está em pé».

Numa reunião no Oriente, em que estávamos recolhendo fundos para uma escola, um homem e sua mulher subscreveram-se com 2 mil dólares em ouro. Pensei que esta soma era muito além do que êles podiam dar, pois estavam longe de ser ricos. Quando lhes pedi para considerarem cuidadosamente se realmente podiam dar uma soma tão liberal, disseram ambos que desejavam dá-la para ajudar a causa de Deus. Pagaram na tesouraria até ao último dólar desta liberal oferta, e no ano seguinte deram mais 1.500 dólares.

Numa reunião campal de um dos nossos Estados do centro, quando foi feito um apêlo para uma oferta, um homem e sua esposa deram um quarto de boa terra para a obra. Fui à sua tenda para ver se não teriam exagerado em dar tanto. Estavam acampados num recanto humilde, com poucas comodidades. Mas quando lhes perguntei se não tinham dado demasiado, disseram sorrindo: «Concordámos ambos em dar isso, e damo-lo de boa-vontade. Não pensamos pedir a devolução da oferta».

Uma irmã agonizando vítima de um cancro, cujo marido tinha sido ministro do Evangelho, disse-me, quando sugeri que ela precisava de melhores acomodações, que numa certa reunião o seu marido dera tudo quanto tinha amealhado na sua vida, 12 mil dólares, para ajudar a causa.

Muitos fazem um sacrifício igual em dar pequenas importâncias, porque pouco possuem. Cada dávida, grande ou pequena, é preciosa aos olhos de Deus. Cristo observa o mais pequenino donativo que seja feito para auxiliar o Seu trabalho. Isto é ilustrado pelo incidente da oferta da viúva pobre, relatado em *Marcos*, 12:41-44.

O incidente não é uma parábola, mas o relato de uma ocorrência ocasional, que certamente teve lugar por ocasião da última Páscoa a que Cristo assistiu. Nestas ocasiões, grandes multidões de gente visitavam Jerusalém. Muitos traziam riquíssimos donativos e contribuíam liberalmente para o serviço do templo. «E estando Jesus assentado defronte da arca do tesouro, observava a maneira como a multidão lançava o dinheiro na arca do tesouro; e muitos ricos deitavam muito. Vindo, porém, uma pobre viúva, deitou duas pequenas moedas, que valiam cinco réis. E chamando os Seus discípulos, disse-lhes: Em verdade vós digo que esta pobre viúva deitou mais do que todos os que deitaram na arca do tesouro; porque todos ali deitaram do que lhes sobejava, mas esta, da sua pobreza, deitou o que tinha, todo o seu sustento».

Estas palavras mostram plenamente como o Senhor vê e nota o que o Seu povo dá para a Sua causa. Ele mede o donativo pelo sacrifício que é feito ao dá-lo. O espírito de sacrifício em dar é o que

o Senhor aprecia. Aquêles que têm mais, podem dar da sua abundância; o pobre, apenas da sua pobreza. Ambos serão doadores aceitáveis aos olhos do Senhor, mas não é pelo valor da soma que dão. O que o mais favorecido pode dar, não o pode dar o pobre. O que o pobre dá, por pequeno que seja, como os cinco réis da viúva, quando dado livremente, por amor, é tão aceitável aos olhos de Deus como os grandes dons de quem pode contribuir com largas somas.

Desejando dar

Paulo, inspirado pelo Espírito Santo, louvou os Macedônios pelo seu desejo de dar para ajudar o povo de Deus. Se os Macedônios foram dignos de louvor pela sua liberalidade para com os pobres em Jerusalém que nunca tinham visto, fica pois a certeza de que Deus aprovará as ofertas liberais do Seu povo para levar a Sua última mensagem de misericórdia a um mundo perdido.

Os sinais dados a nós nas Escrituras predizendo a segunda vinda de Cristo a esta Terra estão encontrando cumprimento ante os nossos próprios olhos. Os sinais da Sua vinda são-nos prègados quâsi continuamente dia e noite pela rádio, não só pelos nossos próprios crentes, mas também por homens que não compreendem as profecias; podemos ler sôbre o cumprimento das profecias de manhã e à tarde na imprensa diária; muitos artigos de revistas, escritos por homens que não sabem que estão prègando a última mensagem de aviso, apresentam as condições actuais tal como Cristo as preveu; as notícias da guerra e preparativos para matar e destruir tôdas as riquezas, são a nossa razão diária de muitas fontes. Todos nos falam do actual cumprimento liberal dos sinais que precedem a segunda vinda de Cristo. Vemo-los nos nossos lares, nas escolas públicas, nas ruas das nossas cidades, no desrespeito às leis a cada passo, sinais que se cumprem e que nos falam

da próxima vinda de Nosso Senhor em poder e glória para fechar a história da humanidade, e estabelecer o Seu reino eterno de paz.

Com tôda esta prègação soando aos nossos ouvidos e tendo lugar ante os nossos olhos, ¿ não deveremos nós com um zêlo além do vulgar fazer dos nossos presentes e futuros donativos para ajudar a causa de Deus um dos pontos mais importantes da nossa vida, recebendo assim a bênção que a dádiva com sacrifício representa para o doador? O Senhor sempre abençoou os esforços supremos do Seu povo para construir o Seu reino. ¿ Não cumprirá cada um dos que professam Cristo, nestes últimos dias, o Seu pacto com Deus por maior liberalidade e sacrifício em dar para Êle e para a terminação da Sua obra? Êle deseja que quando voltar cada um de nós esteja entre aquêles que Êle possa tomar para as mansões celestes que tem preparado para os remidos. ¿ Então de que valor real serão os nossos bens terrestres para nós ou para o Senhor, excepto na medida em que os tenhamos usado para ajudar o acabamento da Sua obra na Terra?

A recompensa de dar

A fidelidade em dar para o avanço do Seu reino, nunca será esquecida por Deus. ¿ Que importa, na hora da morte ou na Sua vinda, quando tôdas as coisas terrenas estão desaparecendo, o que outros nos têm feito ou deixado de fazer; que deveres têm cumprido para com Deus ou deixado de cumprir? Com cada um de nós, em nós próprios, está a nossa relação individual para com o Senhor. ¿ Tendes sido honestos ao tratar com Êle? ¿ Sentis que tendes cumprido completamente o vosso dever? ¿ Tendes feito tudo quanto podíeis para manter a causa de Deus até à terminação da sua obra evangélica? ¿ Tendes pago fielmente todos os vossos dizimos e sido liberais nas vossas ofertas?

HINO N.º 105

(Leitura para Sexta-feira, 22 de Dezembro de 1944)

A nossa juventude e o fim do trabalho

por D. E. REBOK

O que a juventude necessita e deseja hoje — Alguma coisa a fazer

No outono de 1942, um correspondente de guerra regressou à América e deu o seu relatório em poucas palavras: «Estamos a perder a guerra. ¿ Não o compreendeis, mas estamos a perder a guerra!».

Naturalmente os seus amigos puseram em dúvida esta afirmação, mas êle, cada vez dava mais ênfase ao aviso e gritava: «Sabia que podíamos fazer as máquinas necessárias à guerra. Mas não sabia se nós teríamos coragem para combater nela. Os nossos homens não desejavam guerrear».

Para provar a sua afirmação, citava o seguinte facto: um sargento recebera ordens do seu alferes

para levar os homens necessários, subir ao monte próximo e bater um ninho de metralhadoras inimigas que estava visando as suas posições com pontarias certas. Nunca o sargento recebera tais ordens de serviço. Havia dois anos que estava no exército. Familiarizara-se com todos os pormenores da vida do acampamento mas, no momento presente, pediam-lhe que saísse a arriscar a sua própria vida. Não compreendia que estava agora no campo de batalha e chegara o momento em que as realidades da guerra se tinham avizinhado dêle pessoalmente. Ficou petrificado, o queixo caiu-lhe, fixou-se ao chão e não se podia mover. Aborrecido, o alferes olhou para o pobre sargento e disse-lhe: «Muito bem, sargento, sente-se

1). Voltou-se então para os soldados e perguntou quem queria acompanhá-lo voluntariamente naquele ataque que seria cheio de êxito. Na tarde daquella, o sargento aproximou-se do alferes um tanto envergonhado e disse-lhe: «Meu alferes, estou envergonhado. Dê-me outra oportunidade». Foi-lhe concedida porque despertara rudemente perante o facto de que, quem quiser *ganhar tudo, deve arriscar-se a tudo*. Para salvar as vidas dos seus compatriotas, tem de oferecer em holocausto a sua própria vida. Para acabar a tarefa e ganhar a guerra, um e todos, no exército, devem estar prontos a sacrificar todos os interesses egoístas, planos e salvação pessoais com o fim de poder destruir ou derrotar o inimigo. Deve existir a vontade de dar e de combater. Deve existir boa-vontade de viver e talvez de morrer pela causa da justiça.

Jesus, o nosso Rei dos reis e Senhor de senhores disse-nos, a nós Seus discípulos: «Se qualquer homem quere vir após Mim que se negue a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me. Porque aquêlê que salvar a sua vida, perdê-la-á e aquêlê que perder a sua vida por amor de Mim salvá-la-á». (*S. Mateus, 16:24, 25*).

Muitos de entre nós são apenas cristãos do bom tempo. Esquecemos ou talvez nunca tenhamos aprendido que a cruz, a batalha e o combate precedem a coroa. Onde não tenha havido cruz não haverá coroa; onde não houve batalha não pode haver vitória.

O aparecimento desta luta espiritual e o acabamento da tarefa que nos foi confiada como Igreja depende tanto da atitude de cada um de nós e, em especial, dos ideais da nossa juventude adventista que todos nós ganharemos muito em parar um pouco e considerar cuidadosamente a natureza do treino que está sendo dado aos jovens, nas nossas escolas e seminários que, como todos admitem, são os acampamentos do exército do Senhor. O perigo que enfrenta a nossa mocidade e as nossas escolas está bem expresso nas palavras de E. G. White: «A razão pela qual a nossa juventude actual não é mais religiosa deve-se à sua educação defeituosa». (*Test.*, vol. 2, pág. 701).

Por outro lado, muitos de nós como pais, professores, pastores e anciãos chegaram à concepção segunda a qual a juventude é a Igreja de amanhã quando na realidade e de facto ela é a Igreja de hoje. O que a Igreja tenha a fazer por ela deve ser feito *agora e aqui*. Este é o dia da nossa oportunidade. Agora é o tempo de fazer pelos nossos jovens o que eles necessitam e dar-lhes o que eles carecem de nós. Perguntaremos: «Que necessitam êles? Que desejam êles?»

Que coloquemos nos seus corações e mentes o indispensável para combater as batalhas do Senhor até acabarem e completarem o Seu trabalho e esta tarefa significará mais do que edifícios para capelas, mais do que escolas, por muito equipadas que sejam, mais do que um sermão semanal e um apêto de mão semi-frio. Um escritor na revista *Christian Home Life*, de Janeiro de 1941, apresentava o problema nas seguintes palavras: «A juventude carece condução e direcção. Precisa de acreditar nalguma coisa e olhar para a Igreja e seus directores na esperança de receber uma mensagem positiva... A Igreja deve fazer algum plano e trabalho definitivos. Os condutores devem estar bem familiarizados com a juventude, descobrindo causas, motivos e razões das suas acções, procurando então conduzi-los nos caminhos correctos». Acrescenta então: «A juventude será chamada a agir. Precisamos de ver que actui como

juventude. Cristã, goze da vida com a sua liberdade, mas nos caminhos do Senhor e Mestre».

O que a juventude deseja e carece, nos nossos dias, não é *alguma coisa* mas, *fazer alguma coisa*, carece de condução em todos os seus actos, estudos, divertimentos e no assunto mais importante de todos — como orar. Isto é vital porque com uma juventude assim treinada será fácil ajudar o acabamento do trabalho.

O que a juventude mais precisa nos nossos dias é de quem a compreenda, a aprecie profundamente e lhe confie alguma tarefa *a fazer*. Foi esta necessidade expressa com tóda a precisão por uma rapariga de quinze anos, ao discutir a criminalidade juvenil, na Conferência da Juventude realizada no distrito de Colúmbia, quando ela reclamava: «Dêem-nos oportunidade de *trabalhar*. Esta comunidade é nossa».

Se a Juventude Adventista pudesse falar aos seus pastores, professores e pais, também ela diria: «Dêem-nos a oportunidade de ajudar no acabamento da obra de Deus neste mundo. Esta é também a nossa Igreja. Deixem-nos fazer alguma coisa na Igreja mais do que ouvir um sermão uma vez por semana».

Deus deseja a juventude e a Igreja carece dela

A cada jovem Adventista do Sétimo Dia, Deus diz hoje: «Meu filho, dá-me o teu coração e que os teus olhos observem os meus caminhos». (*Prov.*, 23:26).

Aos condutores da Igreja diz a serva de Deus: «Com um tal exército de obreiros como a nossa juventude, convenientemente treinada, poderosamente apetrechada, ¡quão depressa seria levada a todo o mundo a mensagem de um Salvador crucificado, resuscitado e que breve vai aparecer! ¡Quão depressa poderia chegar o fim! ¡O fim do sofrimento, das tristezas do pecado! Quão depressa, em vez de uma possessão terrestre, com as suas nódos de pecado e dor, poderiam os nossos filhos receber a sua herança onde «os justos herdarão a terra e nela habitarão para sempre»; onde «os habitantes não dirão eu estou doente e a voz do chôro nunca mais será ouvida». (*Conselhos aos Professores*, pág. 155).

Nos exércitos terrestres, poucos homens com mais de 38 anos são alistados; alguns são alistados com mais de 36 anos para serviços moderados mas baseiam todos os seus cálculos na juventude entre 18 e 25 anos para dar as batalhas e ganhar vitórias. Deus também tem chamado a juventude sempre e a emprega no Seu plano salvador, em cada geração. Hoje, Ele deseja-vos no acabamento do Seu trabalho e no preparo da nova criação. Moisés era apenas rapaz quando foi chamado a testemunhar em favor de Deus no esplendor da côrte do Egipto. Fêz a sua escolha em favor de Deus e Ele escolheu-o para executar um poderoso trabalho pelo Seu povo. Outro rapaz, com menos de vinte anos, não podia ver a mão de Deus no cruel tratamento recebido dos seus irmãos — lançado numa cisterna vasia, vendido como escravo, levado para país estranho, acorrentado em serviços mesquinhos, tentado por uma mulher que devia ter outro porte, lançado na cadeia sob falsa acusação, esquecido e deixado a morrer detrás das barras de uma prisão — mas, no meio de tudo isto, bravo, corajoso, verdadeiro, fiel, diligente, agindo como se estivesse na presença de Deus, seu invisível companheiro e guarda, de tal maneira, que êle não podia ceder à tentação para não ofender a seu Pai

que estava no céu. Em tôdas estas contingências, José foi poderosamente ajudado no avanço da causa de Deus.

Foi uma menina de Israel, que fêz tudo quanto podia na casa de Naaman. O testemunho da sua fiel vida diária e as suas palavras sinceras levaram o nobre mas aflito patrão junto do verdadeiro Deus para lhe pedir o auxílio que só Êle seria capaz de lhe conceder, neste mundo.

Quem não sente comoção na simples história do apêlo de Deus a Samuel e na resposta pronta: «Fala, porque o Teu servo escuta». Essa resposta àquêlo apêlo foi o início de uma longa vida de grandes e brilhantes coisas feitas a Deus e ao homem.

Haverá algum coração juvenil impassível ao ler a história daquêlo Daniel de 18 anos, no meio da multidão de cativos, em marcha de Jerusalém para aquela longínqua côrte de Babilónia e, contudo, «propondo no seu coração» acontecesse o que acontecesse, ficar firme ao lado do verdadeiro Deus e dos princípios ensinados por seus pais piedosos e seus professores, na infância, mesmo que para isso tivesse de ser lançado na fornalha ardente ou, na cova dos leões esfaimados e rugidores.

Deus sempre teve ensejo de ver a Sua juventude ao Seu serviço e deseja ver-vos nêle, meus presados jovens amigos, *hoje mesmo*. A Igreja tem uma grande tarefa a terminar e precisa de vós, de cada um de vós, onde quer que vos possais encontrar.

«Cada um tem o seu lugar no eterno plano dos céus. Cada um deve trabalhar em cooperação com Cristo pela salvação das almas. Não está mais seguro o nosso lugar nas mansões celestiais, do que o nosso lugar especial designado na Terra para trabalharmos por Deus». (*C. O. L.*, págs. 326-327). Ainda a irmã White dá ênfase a êste pensamento nas seguintes palavras: «Rapazes e meninas, vi que Deus tem um trabalho para vós. . . Enquanto permanecerdes na indiferença negligente, como podereis dizer qual seja a vontade de Deus para convosco?» (*M. to P. P.*, pág. 207).

Outras organizações estão agrupando os jovens. Grandes condutores nacionais estão a dar atenção especial às crianças e moços, com resultados fora de tôda a medida. Diz A. W. Peterson, nosso director da juventude:

«Deus, por Sua vez, está organizando um exército de jovens com o qual intenta acabar a Sua obra na Terra. Através de tôdas as idades, Êle empregou os jovens convertidos aos seus propósitos mas agora olha para a mocidade do Advento de modo especial e deseja vê-la agrupada em tôrno da cruz e preparada para a luta aguda que terminará a Sua obra».

Chegámos aos tempos em que os condutores das Igrejas devem dar uma ênfase particular à organização, inspiração e treino da juventude para o serviço. Se não acordarmos perante a necessidade, diante desta oportunidade, a nossa juventude será apanhada na corrente das actividades seculares pelas organizações mundanas.

Nós acreditamos que os Adventistas do Sétimo Dia têm um poderoso programa de trabalho, no qual as crianças e jovens têm uma parte vital. Mais ainda, sabemos que a juventude apoiará o programa, quando fôr convidada e organizada. Devemos compreender que o mundo está namorando a nossa juventude — o seu tempo, os seus esforços e os seus talentos, as suas próprias vidas. A Igreja deve despertar perante esta situação se os seus poderes persuasivos têm de exceder e contrabalançar os impulsos para fora e para baixo.

Deus quer a nossa juventude e a Igreja também necessita dela, mas não basta a mera afirmação do facto. Cinco coisas devem ser feitas para que o acto se torne uma realidade:

- 1.^a—Procurar a juventude.
- 2.^a—Ganhar a juventude.
- 3.^a—Salvar a juventude.
- 4.^a—Segurar a juventude.
- 5.^a—Treinar a juventude para o serviço de Deus.

Até «as criancinhas serão impelidas pelo Espírito Santo para sair e proclamar a mensagem celestial. O Espírito será derramado sôbre aquêles que ouviram as Suas sugestões». (*Test.*, vol. 7, pág. 27).

Deus chama os jovens para o Seu serviço hoje

Aos jovens Adventistas, por tôda a parte, Deus diz: «Filho, vai trabalhar na minha vinha». (*Mat.*, 21:28). E êles vão. É especialmente verdade isto nos tempos actuais e à medida que o fim dos tempos se aproxima, as crianças e jovens serão chamados a prègar as verdades fundamentais, como prègaram as crianças da Suécia, há um século.

Quando a irmã White foi à Europa, em 1844, ficou encantada ao receber a narrativa de testemunha ocular sôbre uma reunião, no inverno de 1843-44, em que uma destas criancinhas prègadoras falou em nome de Deus. A *Review and Herald*, de 10 de Fevereiro de 1944, relembra a história neste têrmos:

«Uma menina começou a prègar a umas poucas de milhas do lugar onde vivíamos e como a notícia do movimento admirável principiou a correr, eu e minha mulher fomos ver e ouvir pessoalmente. Quando chegámos à cabana, estava cheia de gente. A menina, com seis a oito anos de idade, andava de um lado para o outro, entre a multidão, e respondia às perguntas que lhe eram feitas, como as crianças costumam responder. O povo vinha entrando até que a casa estava à cunha. Quando a última pessoa chegou, o aspecto da menina mudou inteiramente, tanto na ousadia como nos seus movimentos, dando bem a perceber que estava sendo movida por um poder invisível e não pelos seus dotes naturais. Quando começou a falar, mudou também a sua voz. Ela disse: «Temei a Deus e dai-Lhe glória porque é vinda a hora do Seu juízo». Reprovou os pecados, tais como embriaguez, roubo, adultério, pragas, maledicência, as idas à Igreja com fins de negócios, em vez de irem ouvir a palavra de Deus e conformarem as suas vidas a ela. Eram impressivas a sua voz e palavras. Muitos choravam e soluçavam. Disseram-lhes que aquêlo tempo lhes era concedido para se arrependem, mas que não deviam desperdiçá-lo».

Continua a narrativa:

«Fomos para casa com os corações feridos e tremes. Senti o dever de pegar na Bíblia que eu pensava ter estudado com cuidado e examiná-la ainda mais profundamente. Mal pude trabalhar na semana seguinte. Os meus pensamentos fugiam constantemente para a Palavra de Deus e as agudas repreensões e exposições ouvidas daquela criancinha que nem sequer devia saber ler».

Chega outra vez o tempo, muito em breve, em que as condições não permitirão aos nossos ministros ir prègar o Evangelho. Deus escolherá os *nos*so

casa, nos joelhos de suas mães, que ouviram a mensagem nas nossas escolas de Igreja, se revestiram do poder do Espírito Santo, levando-os a sair e proclamar a mensagem da próxima vinda do Salvador e o fim do tempo da provação.

Meninos, ¿estais vós prontos para tal experiência? Pais, ¿estais vós colocando os vossos filhos onde, dia após dia, as verdades da nossa mensagem lhes podem ser ensinadas constantemente e, desta maneira, possam estar preparados quando Deus os chamar? ¿Quem sabe se Deus não tem escolhido o vosso filho para um tal trabalho?

Entretanto, milhares dos nossos rapazes e raparigas devem freqüentar as nossas escolas e preparar-se para responder aos apelos que chegam de tôdas as partes do mundo. Justamente outro dia, o Secretário da Conferência Geral disse que tinha na sua lista 120 apelos urgentes para rapazes e raparigas que desejassem avançar e executar a obra de Deus até findá-la. Estamos na presença certa do cumprimento da promessa escrita no livro *Education*:

«Lealdade a Cristo pede o fiel cumprimento dos deveres da Igreja.... Há muitas linhas em que a juventude pode encontrar oportunidade para um esforço auxiliador». (Págs. 268-269).

Em 1944, devemos lembrar que aquêles a quem chamamos os primeiros pioneiros no Movimento Adventista não eram velhos quando Deus os chamou para iniciar êste nosso grande trabalho. A nossa denominação começou como um movimento juvenil. Joshua V. Himes tinha apenas 22 anos quando começou a prêgar. James White tinha 21 e não esqueçamos que ganhou mil almas em seis semanas. Elena

White tinha 17 anos quando tomou a pesada e desusada responsabilidade que Deus colocou sôbre ela. Uriah Smith tinha 21 anos, J. N. Loughborough, 20, e N. S. Haskell, 19, quando responderam ao apêlo de Deus: «Vai trabalhar hoje na minha vinha» je que admirável trabalho fizeram nos seus dias!

Se nós, na qualidade de jovens dos nossos dias, nos entregarmos a Deus e à Sua causa como êles fizeram, também nós seremos usados por Deus para acabar o trabalho que êles começaram tão bem.

«O grande trabalho do Evangelho não acabará com menor manifestação do poder de Deus do que o que marcou o seu início... Servos de Deus, com faces iluminadas e brilhantes de consagração santa, correrão de um lado para o outro a proclamar a mensagem do céu. Por milhares de vozes, sôbre tôda a terra, há-de ser dado o aviso. Serão executados milagres, serão curados os doentes, sinais e maravilhas seguirão os crentes... Assim os habitantes da terra serão levados a decidir-se». (C. C., págs. 611-612).

Juventude Adventista, grande e sem paralelo é o vosso privilégio, mas com êle vem para vós tremenda responsabilidade. ¿Estão as vossas faces brilhando de santa consagração, nos nossos dias? Se assim não fôr ¿não quereis ouvir hoje o apêlo de Deus e remover os pecados e iniquidades que vos separam do vosso Deus e da reflexão da Sua glória? ¿Estais prontos hoje a ir de lugar em lugar proclamar a mensagem do céu? Senão ¿não quereis consagrar-vos inteiramente a Deus para serdes moldados, enformados e treinados por Êle, o Mestre, o Professor e Obreiro? Consagrai o vosso inteiro coração, corpo e mente a Deus para o Seu serviço e para o acabamento da Sua obra.

(Leitura para Sábado, 23 de Dezembro de 1944)

Levantai os vossos olhos e vêde os campos

por J. L. McElhany

O título da nossa comunicação de hoje é tirado do Evangelho de S. João, 4:35. Êste capítulo recorda uma das experiências evangelísticas mais importantes levadas a efeito por Jesus durante o Seu ministério terrestre. Com os Seus discípulos estava em viagem para a Galileia e passava por Samaria. Pousou para descansar no poço de Jacó enquanto os Seus discípulos foram à cidade comprar alimentos.

Durante êste intervalo de descanso entrou em conversação com uma Samaritana que veio ao poço tirar água. Como resultado desta conversa a mulher deixou o cântaro da água no poço e correu à cidade chamar os seus amigos para ir com ela e ver Jesus. Entretanto os discípulos, maravilhados de O encontrar a falar com uma samaritana desprezada, insistiram com Êle para que comesse o alimento comprado.

Jesus estava, contudo, interessado noutro assunto. Tinha semeado o Evangelho no coração daquela mulher. Surgira uma seara que era preciso ceifar.

No curso natural dos acontecimentos haveria um intervalo de quatro meses entre a sementeira e a ceifa. Mas não seria o mesmo neste caso. Já uma multidão de pessoas, conduzidas por esta mulher, se estava aproximando. Nada admira pois que Jesus procurasse preparar os seus discípulos para as oportunidades daquela ocasião. «Levantai, vos digo, os vossos olhos e vêde os campos; porque êles estão brancos para a ceifa».

Uma visão mundial

Desde a hora em que Jesus pronunciou aquelas palavras, até ao próprio fim dos tempos, esta afirmação profética ergue-se como uma das maiores e mais importantes exortações dadas à Igreja. Existe um poder propulsor neste princípio ou idéia indicada nestas palavras. Devemos levantar os nossos

olhos com o fim de ver para além do horizonte acanhado dos nossos interesses pessoais, para além de um campo local de actividade, para além dos limites da nossa raça ou nação, para além das nossas imediatas necessidades de existência. Naquela ocasião os discípulos pensavam partilhar da comida comprada, mas Jesus estava apenas interessado em meter no celeiro a colheita de almas.

Também nós devemos levantar os nossos olhos e olhar para os campos para podermos ver a vastidão e compreensão dos planos de Deus. É uma inclinação humana tornarmo-nos provincianos e localizados na nossa visão, enquanto Deus vê e planeia para todo o mundo. As seguintes expressões das Escrituras sublinham este facto: «Porque Deus amou o mundo», «Vede aqui o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo», «Ide por todo o mundo» «O Evangelho eterno... a toda a nação, e tribo, e língua e povo».

Justamente antes da Sua ascensão, Jesus novamente procurou alargar a visão dos seus discípulos com as seguintes palavras: «Vós ser-me-eis testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia, em Samaria e até às mais remotas partes da terra». (Act., 1:8). Aqui ficou definido o trabalho da Igreja primitiva, com toda a clareza. Desde o centro da obra até aos mais longínquos limites da Terra, não deveria haver solução de continuidade, quebra alguma, na linha de avanço. Limites geográficos, esferas políticas e aéreas raciais, nada significam para a Igreja. O seu campo seria todo o mundo porque o Evangelho foi dado à espécie humana, como um todo.

A ordem divina é que, onde nos encontremos, ali deveremos iniciar a nossa obra, e de olhos levantados em continuos círculos cada vez maiores até que todo o mundo seja abrangido na nossa organização e trabalho. Não quiere isto dizer que, ocasionalmente, poderemos lançar uma olhadela furtiva para além dos limites da nossa própria localidade. Pelo contrário, deveremos manter uma visão constante, inquebrável e iluminada do grande campo mundial.

Os Adventistas do Sétimo Dia foram chamados ao palco da acção pela providência divina e em cumprimento de profecia para um definido e específico trabalho. A nossa ordem divina chama-nos a agir em todo o mundo na proclamação da segunda vinda do Senhor e Salvador, Jesus Cristo.

Para fazer este trabalho require-se que tenhamos uma visão bem larga do mundo. Não podemos, certamente não queremos falhar nesta hora crucial da história humana. Em toda a nossa volta vemos multiplicarem-se as evidências da vinda do grande dia de Deus, em que Jesus aparecerá para ajuntar a Ele mesmo aqueles que forem encontrados vigilantes e prontos para a Sua vinda.

O nosso perigo constante é que o choque causado pelos acontecimentos actuais do mundo ofusque a nossa visão espiritual a ponto de deixarmos de ver, compreender e executar a nossa missão divina de proclamar a próxima vinda do Senhor.

Mantendo a visão

¿ Como manteremos nós uma tal visão espiritual? Há três componentes vitais de uma tal experiência. Todos são baseados sobre uma fé absoluta na palavra de Deus, e no cumprimento de cada promessa e profecia nela contidas.

O primeiro é a oração. Devíamos orar fervorosa, importunamente e sem cessar, para que possamos

ter uma compreensão da nossa relação pessoal para com o plano e propósito de Deus para as nossas vidas e serviço. Devíamos orar pelo sucesso da obra de Deus em todo o mundo. Devíamos orar pelos nossos irmãos na fé em todos os países. Devíamos orar fervorosamente para que o Senhor dê sabedoria especial aos dirigentes da Sua obra em cada parte do mundo. Devíamos orar ainda para que o Senhor da ceara desperte muitos trabalhadores para serem lançados no campo.

O segundo vem como consequência do primeiro. Cada crente reconhecerá a bênção de participar com os seus meios para auxiliar no prosseguimento da obra. Os doadores mais liberais são aqueles que reconhecem o que a vida de Jesus significa pessoalmente para eles, e que desejam ajudar outros a preparar-se para encontrar o Salvador em alegria e paz. Os dirigentes de outras organizações religiosas têm perguntado muitas vezes porque é que o nosso povo dá tão liberalmente para a causa de Deus. A resposta é plena e simples. Homens e mulheres que crêem na vinda de Jesus estão ansiosos por fazer tudo o que está ao seu alcance para promover e estender a mensagem da Verdade a todo o mundo. Com olhos bem abertos olham para o campo que está maduro para a ceifa, e as suas dávidas seguem a sua visão.

O terceiro componente de uma visão espiritual pode ser resumido numa palavra — ir. O princípio sobre o qual isto opera, foi bem expresso por um jovem médico que, quando lhe perguntaram porque razão respondia ao apêlo feito por um campo distante e difícil, respondeu que a volta de Jesus estava próxima e que ele desejava auxiliar os outros a prepararem-se para ela. A esperança do advento há-de levar o crente a querer ir tão longe quanto alcance a sua visão. Se tiverem uma visão mundial estarão prontos a ir até aos confins do mundo que Deus ama e pelo qual Jesus morreu para o salvar.

Orando assim, dando e dispondo-se a marchar, a visão de qualquer pessoa ergue-se até ao ponto onde ela vê o mundo inteiro e as suas necessidades. Uma tal visão não pergunta: «Será um campo fácil?» «Será um campo longínquo?» Pelo contrário, perguntará: «¿ Estará isso dentro dos limites do amor de Deus?» «¿ Estará dentro dos limites do plano da salvação?»

Oremos todos por uma tal visão.

A nossa presente situação missionária

É especialmente importante, neste tempo peculiar, que nós levantemos os olhos e procuremos ver os campos. O curso dos acontecimentos mundiais criou problemas e multiplicou dificuldades para além de qualquer coisa jamais conhecida. Estas condições destruíram as vias de comunicação do mundo. Forçaram a retirada de missionários de muitas terras. Fecharam muitas fronteiras e tornaram impossíveis as viagens realizáveis outrora.

Estas condições actuais têm levado muitos a perguntar se não chegou o tempo em que não devemos mais forçar a nota do nosso trabalho missionário e, antes pelo contrário, sublinhar a importância do trabalho nas nossas pátrias.

A nossa resposta a esta sugestão é que uma tal visão sofre de miopia e que sem dúvida nenhuma não realiza o espírito e o plano das instruções de Jesus para levantar os nossos olhos e olhar para os

campos. Quando o trabalho estiver terminado nos campos missionários, estará também terminado nas nossas pátrias particulares.

Em muitos casos a responsabilidade da direcção tem repousado sobre os obreiros nativos. Temos razões de agradecer a Deus pela maneira como estes obreiros nativos têm sabido responder às necessidades e pelas direcções que eles têm dado à obra. Mas, à medida que a guerra acaba, os missionários voltam para os seus campos. Necessitamos muitos mais obreiros. Professores, enfermeiros, médicos, prégadores, e outros obreiros, devem ser recrutados e mandados para todas as partes do mundo.

O futuro imediato

Não devemos esquecer nesta leitura da Semana da Prece de aludir à situação que vamos enfrentar no futuro imediato. Temos ficado contentes em ver a bandeira desta mensagem evangélica hasteada em muitas terras. Durante os anos da nossa ofensiva, um forte trabalho se desenvolveu em muitos países. Fizeram-se crentes e organizaram-se Igrejas. Escolas para treino de obreiros, casas publicadoras para preparar literatura, centros médicos para curar doentes, foram organizados. Estes países, em resposta, tornaram-se bases para fornecer obreiros e fundos para o avanço do serviço missionário em geral.

Em muitos países a nossa linha de batalha avançou. Foram feitos trabalhos iniciais. Novas línguas foram acrescentadas à lista. Agora enfrentemos a necessidade de consolidar e fortalecer o trabalho nesses campos. Muitos novos obreiros têm de partir. Têm de ser feitos novos crentes, organizadas Igrejas e a juventude treinada têm de se tornar obreiros para o seu próprio povo. Esta parte do nosso trabalho é de grande magnitude e deve ser cuidadosamente amadurecida e desenvolvida.

Mas ainda há outros campos onde não principiámos o nosso trabalho. As barreiras que se têm levantado contra a entrada da Mensagem, serão demolidas. Na própria hora escolhida por Deus, as portas vão ser abertas, a oportunidade há-de vir para proclamar a mensagem de Cristo e a Sua próxima vinda. Devemos estar preparados para estas providências que vão aparecer. Temos de encontrar meios e fundos para entrar nestes campos. Temos de os encontrar ainda mesmo que para isso, tenhamos de pedir obreiros e fundos aos campos onde já temos a obra organizada.

Quando levantamos os olhos e olhamos para os campos, temos de ver as necessidades da obra na Europa. Antes da presente guerra, o nosso trabalho estava bem estabelecido em quasi todos os países europeus. Nalguns, o trabalho cresceu em força de tal maneira, que tomavam uma grande parte no fornecimento de obreiros e dinheiro para o avanço da nossa obra missionária. Foi uma experiência inspiradora viajar de um lado para o outro nesses países e encontrar os nossos membros fiéis e leais. Não era raro encontrar irmãos e irmãs que, devido ao seu amor por esta Verdade, tinham sofrido privações, perseguições e prisões. Os nossos irmãos nas terras mais favorecidas, só podem ter uma pálida concepção do que estes crentes suportaram por amor da verdade. Na realidade não faltaram exemplos onde alguns destes valorosos crentes selaram o seu testemunho com a sua vida.

Temos pouca informação, presentemente, com

respeito à marcha do trabalho nestes países. A maior parte deles foram invadidos e destruídos pela guerra. Sem dúvida, a angústia e a pobreza geral, são partilhadas pelos nossos próprios membros; congregações estão destruídas, casas de culto arrasadas, instituições confiscadas e arruinadas pela guerra.

Numa extensão considerável podemos aplicar a mesma descrição ao nosso trabalho, noutros países do Oriente. De todas estas situações levantar-se-ão necessidades como jamais enfrentámos. «Serão a nossa visão e os nossos planos adequados a responder a todas estas necessidades? Para realizar este plano, todos os nossos fundos serão comprometidos ao máximo. Mas acreditamos que os irmãos e irmãs por toda a parte se hão-de levantar como um só homem e dirão que devemos fazê-lo. Não podemos, perante os olhares de Deus, abandonar o trabalho que através dos anos foi construído com tanta preocupação e sacrifício.

Um conselho orientador

Muitos dos nossos membros, especialmente entre aqueles que se uniram à Igreja nos últimos anos, não estão familiarizados com a História e desenvolvimento do nosso trabalho missionário nos países fora da América. Desde o princípio deste movimento até ao ano de 1900, um grande número de obreiros foi mandado para outros países. Os membros da Igreja fora da América-do-Norte eram aproximadamente 13.000. Neste tempo, foi publicado o vol. VI dos *Testemunhos*. Neste volume, a sêrva do Senhor deu às nossas Igrejas e aos seus directores grande cópia de instruções e conselhos, com respeito à necessidade de expandir grandemente o nosso trabalho em todas as línguas e, em especial, nos campos estrangeiros. Foram feitos planos para executar esta instrução. Durante os anos seguintes, muitos mais obreiros foram mandados para as diferentes partes do mundo. Penetrámos em novos países, organizámos novas missões, adoptámos novos métodos de estabelecer a manutenção de todo este trabalho. O Senhor deu a Sua bênção a todas estas empresas. O resultado foi uma extensão maravilhosa do trabalho e a conversão de milhares de crentes em diferentes países.

Este período na história do nosso trabalho, pode ser com razão considerado como a época das Missões estrangeiras. Pode ser considerado como os caboucos para as maiores coisas que têm de se seguir. Hoje aproximamo-nos do tempo das maiores oportunidades para a Igreja. Uma nova época se ergue diante de nós, uma época em que o trabalho de Deus tem de ser acabado em todo o mundo.

O Conselho indicado no vol. VI dos *Testemunhos*, está ainda a apontar o caminho. Volumes sucessivos alargam e sublinham este conselho. Para tornarmos a situação mais clara diante de nós, vamos citar algumas frases deste *Testemunho*:

«E as palavras de Cristo aos Seus discípulos ainda se aplicam ao Seu povo, hoje: «Não dizeis vós que há ainda quatro meses até ao tempo da ceifa? Olhai, e eu vos digo, levantai os vossos olhos e vede os campos; porque estão brancos para a ceifa. E aquele que ceifa recebe galardão e colhe fruto para a vida eterna, para que tanto aquele que ceifa como aquele que semeia se alegrem ambos».

(*João*, 4:35, 36).

«O povo de Deus tem um vigoroso trabalho

diante dêle, um trabalho que deve continuamente ser pôsto no primeiro plano. Os nossos esforços nas linhas missionárias, devem tornar-se cada vez mais extensos. Um trabalho mais decidido do que o anterior, deve ser feito antes da segunda vinda do Senhor Jesus. O povo de Deus não pode cessar os seus trabalhos até que êles tenham rodeado todo o mundo.

A vinha compreende todo o mundo, e cada parte dêle tem de ser trabalhada. Há lugares que são agora um deserto moral e têm de se tornar um jardim do Senhor. Lugares desertos da Terra têm de ser cultivados, até que possam florir como as rosas. Novos territórios têm de ser trabalhados, por homens inspirados pelo Espírito Santo. Devem-se estabelecer novas Igrejas, novas congregações têm de ser organizadas. Nessa época deve haver representantes da Verdade presente em tôdas as cidades, até aos mais remotos confins da Terra. Tôda a Terra tem de ser iluminada com a glória da Verdade de Deus. A luz tem de brilhar em tôdas as terras e em todos os povos; e é daquêles que receberam a luz que ela tem de brotar. A estrêla da manhã ergueu-se para nós e temos de deixar que a sua luz brilhe sôbre o atalho daquêles que estão em trevas.

«Uma crise está diante de nós. Devemos agora, pelo poder do Espírito Santo, proclamar as grandes Verdades para êstes últimos dias. Não vai levar muito tempo antes que todos aquêles que ouvirem o aviso, façam a sua decisão; e então virá o fim.

«A verdadeira essência de tôda a fé correcta, consiste em fazer a coisa própria no tempo próprio. Deus é o grande Artista, e pela Sua providência prepara o caminho para a realização da Sua Obra. Provê oportunidades, abre linhas de influência, caminhos para a acção. Se o Seu povo está observando as indicações da Sua providência e se levanta pronto para cooperar com Êle, verá um grande trabalho realizado. Os Seus esforços correctamente dirigidos, hão-de produzir cem vezes mais resultados, do que os realizados com os mesmos meios e facilidades noutras direcções, onde Deus não esteja a trabalhar de forma tão manifesta. O nosso trabalho é reformador e o propósito de Deus é o trabalho em tôdas as linhas, seja uma lição prática para o povo. Nos novos campos especialmente, é importante que o trabalho se estabeleça de forma a dar uma idéia correcta da Verdade. Em todos os nossos planos de acção missionária não devemos perder de vista êstes princípios». (*Test.*, vol. VI, págs. 25-25).

«O trabalho missionário no nosso país será muito mais avançado em todos os ramos, quando se manifestar um espírito mais liberal, abnegado e pronto ao sacrifício, no que respeita à prosperidade das missões estrangeiras; porque a prosperidade do trabalho nacional, depende largamente, sob a direcção de Deus, da influência reflexa da Obra de evangelização nos países distantes. É trabalhando activamente para suprir as necessidades da causa de Deus, que levaremos as nossas almas ao contacto com a Fonte de todo o Poder». (*Idem*, pág. 27).

«O nosso General que nunca se enganou, diz-nos: Avante. Entra em novos territórios. Levanta o estandarte em tôdas as terras. «Levanta-te e resplandece, porque a tua luz está chegada e a glória do Senhor se levanta sôbre ti». O nosso lema deve ser: Para a frente e sempre para a frente. Os anjos de Deus irão diante de nós a preparar o caminho. A nossa responsabilidade pelas regiões distantes não poderá cessar até que tôda a Terra seja iluminada com a glória do Senhor». (*Idem*, págs. 28-29).

Sempre para a frente

A ansiedade pelos países longínquos tem de ser suportada por tôda a Igreja. Os chefes desta Causa sentem uma profunda ansiedade pelas necessidades do nosso movimento mundial. Êstão-se fazendo planos e preparando obreiros para enviar aos mais diferentes países, com o fim de fazer avançar esta mensagem final. É só olhando para o nosso General e pedindo orientação divina pelas Suas providências, que nós poderemos ter êxito.

Neste momento em que nos juntamos numa vida nova e mais profundamente espiritual, através das experiências desta Semana de Oração, procuremos todos sinceramente entrar em tal comunhão com o Nosso Senhor Jesus, que, com Êle, possamos avançar e acabar o Seu trabalho em todo o mundo.

Lembre-mos que o nosso General está ainda a dirigir o conflito. As suas ordens são: Avançar. Entrai em novos territórios. Para a frente, sempre para a frente. E tais afirmações devem ser o nosso programa. Aquêles que se sentou no poço de Jacó, está ainda ordenando: «Levantai os vossos olhos e olhai para os campos».

Neste centenário, a Semana de Oração chega ao seu fim. Possa ela trazer bênçãos de Deus sôbre cada crente, numa maneira abundante e sempre crescente.

REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da
União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

••

Cont. e Ilhas Colónias

Número avulso.	2\$50	3\$00
Assinatura anual	12\$50	15\$00

Redacção e Administração
Rua Joaquim Bonifácio, 17

••

Composição e impressão:
Tip. Gomes & Rodrigues
32, Rua das Picinças, 34—LISBOA

DIRECTOR: A. DIAS GOMES /// REDACTOR: ERNESTO FERREIRA /// EDITOR: A. F. RAPOSO